

A FORMAÇÃO DO EU E DO EGO

A PARTIR DA COSMOGÊNESE E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

CLAUDIO TELLES

JUNHO 2018

A formação do Eu e do ego deve ser entendida no singular, em uníssono, no intuito de evidenciar a intrinsecidade de seus processos. Uma conotação plural e uma origem distinta para esses membros constitutivos do ser humano seria possível, se reduzíssemos o tema e apresentássemos-lo na simplicidade de, durante a Lemúria, terem os Espíritos da Forma, os Exusiai, presenteado-nos com o Eu, e os espíritos luciféricos nos dotado de ego. Contudo, contentarmo-nos com a redução sugerida por esta afirmação seria por demais limitante; ao nos aprofundarmos nos conteúdos ocultos do desenvolvimento humano, ficará claro, espero, tratar-se de um processo e não de um ato fundador. Esses dois aspectos da consciência humana não devem, e não podem, ser compreendidos em separado.

Um processo sempre remete a uma dinâmica, no caso, uma dinâmica cósmica, cosmogênica. Situar o ser humano nesta sinfonia universal exige desenhar sua evolução no contexto cármico do desenvolvimento cósmico. Uma cosmogênese humana universal, uma história repleta de inúmeras individualidades espirituais todas agregadas ao mesmo e único processo evolutivo. Uma história do Anthropos e de seu desabrochar no campo de consciência cármica que é o Cosmo. Para cumprir esse desafio, nada mais óbvio que nos debruçarmos sobre a obra mais desafiadora de Steiner: “A Ciência Oculta”.

Por ser pretensão arrogante e ingênua o decifrar de toda a formidável riqueza revelada em suas páginas, é fundamental, antes de mais nada, balizar nossa proposta de estudo: concentrar-nos-emos na emergência do Eu e do ego, de forma a extrair do texto trechos que ajudem a definir os marcos delimitadores à compreensão do tema.

“Na Terra, o homem se tornou um ser anímico individualizado. Seu corpo astral, que lhe havia sido infundido na Lua pelos Espíritos do Movimento, articulou-se na Terra em alma da sensação, alma do intelecto e alma da consciência. E quando sua alma da consciência havia progredido o suficiente para modelar, durante a vida terrestre, um corpo apropriado, os Espíritos da Forma agradeceram-no com a centelha de seu fogo. O Eu se incandesceu nele.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 177)

Essa passagem ilustra o fato mais elementar a ser compreendido a quem se proponha a conhecer “A Ciência Oculta”: trata-se de um estudo da consciência e de sua evolução. E o desenvolvimento do ser humano cumpre a função de centro da narrativa.

Tivesse Steiner tomado qualquer outro aspecto da cosmogênese – o desenvolvimento, por exemplo, dos Espíritos da Forma ou do Movimento – e essa história seria outra. Mas é um enredo acerca do evoluir do Anthropos, da maneira como escalou progressivamente os níveis de consciência desde sua mais adormecida e embotada forma saturnina até a consciência desperta para o Eu que portamos agora na Terra. Steiner inicia cada etapa de sua cosmogênese lembrando-nos que, mais que o relato de uma astronomia, está a esmiuçar a aventura humana através dos extratos transcendentais da Consciência enquanto substância original do Universo. E foi só com o advento do Eu, insinuado à entidade humana na Terra pelos Espíritos da Forma (Exusiai) após o substrato anímico do corpo astral ter sido infundido pelos Espíritos do Movimento (Dynamis) na etapa evolutiva anterior da Antiga Lua, que pôde o ser humano, pela primeira vez em sua história cósmica, perceber-se com ser individual autoconsciente no mundo.

“Antes desse ponto evolutivo de seu ser, o homem não possuía qualquer independência frente ao mundo espiritual. Dentro desse mundo ele não se sentia como um ser individual, e sim como um membro do sublime organismo integrado pelos seres que lhe eram superiores.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 178)

Esse antes se refere ao tempo anterior ao trabalho dos Espíritos da Forma em inculcar no ser humano o Eu. Antes disso, não podiam os humanos se distinguir como seres singulares, viviam completamente integrados ao mundo ao redor, apenas refletiam a harmonia do que pode ser chamado de sinfonia universal. Erámos como instrumentos musicais a reverberar a essência do Universo. E se na Antiga Lua iniciou-se o primeiro rudimento de sensibilidade do mundo exterior, esse ocorria na função de entidades espirituais mais elevadas. Esta sensibilidade, por exemplo, não significava uma percepção autoconsciente do mundo exterior, não individualizava o ser humano de seu mundo externo, apenas guiava-lhe, sob uma forma de consciência imagética, a reagir aos estímulos anímicos exteriores. Os rudimentos primitivos de nossos órgãos sensoriais ainda não nos ofereciam representações do mundo externo, mas eram usados pelos Anjos em sua assimilação da autoconsciência do Eu. O mesmo fenômeno, portanto, desenvolve em nós a percepção anímica imagética do mundo exterior, enquanto oferece aos Anjos seu Eu. Os Anjos só puderam incorporar o Eu a partir de nossos órgãos sensoriais, e só pudemos travar contato com o mundo exterior através

desse Eu angelical. O evoluir de cada hierarquia está intrinsecamente atrelado a um processo cósmico uno. Na Antiga Lua ainda não havia o ser humano desenvolvido seu Eu, estávamos a elaborar o corpo astral – formatado, como citado acima, a partir da oferta dos Dynamis –; o Eu só teria lugar em nossa evolução na Terra. Na Antiga Lua são os Anjos que estão a desenvolver o Eu, pois passam tais seres pela etapa evolutiva humana. Nesse momento da história cósmica, sob o aspecto da consciência, ainda éramos animais, vivíamos na consciência onírica imagética. Não animais como os conhecemos fisicamente hoje, mas animais sob o aspecto do nível de consciência que até então havíamos alcançado. São os Filhos da Vida, os Anjos, quem estão aprimorando sua individualidade através do Eu, e o fazem a partir do substrato humano. Na Antiga Lua, viviam os homens em grupos, e cada grupo experimentava em um anjo seu Eu grupal. Cada grupo humano pertencia a um Filho da Vida.

Tornaremos às íntimas relações entre os desenvolvimentos dos seres humanos e dos Anjos mais à frente, por ora, deve ser explicitado é o fato de a evolução de Anjos e humanos estar irremediavelmente atrelada. Mas também deve ser enfatizado que se estavam eles desenvolvendo a consciência do Eu e nós a consciência crepuscular imagética animal habitávamos temporalidades distintas sob o aspecto da consciência.

Essa é uma afirmação de impacto.

Analisemo-la com calma.

Ocupávamos nós e os Anjos o mesmo sítio astronômico, o mesmo astro no contexto histórico da evolução cósmica: a Antiga Lua. Porém, vivíamos um tempo distinto porque quem define o Tempo é o nível de consciência.

A consciência do Eu é típica da evolução terrestre, e estavam os Anjos atravessando essa fase evolutiva no mesmo espaço em que nós vivíamos nossa evolução lunar relativa à consciência imagética típica do corpo astral. Para ficar muito claro: já habitavam os Anjos a Terra (a autoconsciência do Eu) quando estávamos nós na Antiga Lua (a consciência imagética onírica). Essa quebra da relação temporal e da unidade cronológica do Tempo não é para nós novidade, já abordamos o tema em nosso “Estudos Sobre As Manifestações do Carma”. Aqui a questão reaparece, como tornará a reaparecer em muitos outros momentos, é um dos pilares conceituais sobre o qual sustento minha apreciação da obra de Steiner. E vem para dar corpo a uma afirmação feita lá no início, a de ser a evolução humana indissociável da evolução cármica do Universo. E, para além disso, explicita também a verdade de ser a temporalidade do carma firmada sobre os níveis de consciência.

Essa questão relacionada ao Tempo é fundamental para conferir dinâmica à cosmogênese. Porque ao longo de toda “A Ciência Oculta” Steiner se refere às distintas hierarquias pelas denominações com as quais as conhecemos na atual encarnação terrena. Assim, quando fala de um Arqueu em Saturno está, em verdade, a falar de um ser que hoje ocupa a hierarquia dos Arqueus, mas à época do Antigo Saturno atravessava a fase evolutiva humana, ou seja, desenvolvia o grau de consciência que nós humanos aprimoramos hoje na Terra e que os Anjos assimilaram na Antiga Lua. A autoconsciência do Eu.

“Quando isso acontece, os Espíritos da Personalidade (Arqueus) estão no nível em que o homem se encontra atualmente, e então perfazem sua época humana (...) é preciso imaginar que um ser possa ser “homem” não simplesmente sob a forma que o homem possui hoje. Os Espíritos da Personalidade são “homens” em Saturno. Eles possuem como componente inferior não o corpo físico, mas o corpo astral junto com o Eu. Por conseguinte, não podem expressar as vivências desse corpo astral num corpo físico e num corpo etérico, como o homem atual. (...) Eles são justamente “homens” em condições diferentes da terrestre.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 121)

Nessa passagem está clara a dinâmica evolutiva das hierarquias, e também suas diferenças. Quando se diz que em Saturno os Espíritos da Personalidade são seres humanos não se quer com isso que imaginemos um ser humano como o somos na Terra, pelo simples motivo de que isso só é possível na Terra. Em Saturno as condições eram outras e os seres que perfaziam sua etapa humana, os Arqueus, não possuíam nem corpo etérico nem físico, seu membro inferior era o corpo astral. Localizamo-los como humanos porque estavam a desenvolver o Eu, é o nível de consciência que define o grau hierárquico que uma entidade espiritual ocupa no Tempo. Eram humanos em Saturno; viviam, portanto, o nível de consciência que atribuímos à Terra, porém, em Saturno.

Não devemos nos intimidar por essas aparentes contradições conceituais. Porque, em verdade, esses fatos não configuram contradições, mas complexidades. Nada pode ser simples na evolução cósmica. Impossível a nós, humanos limitados a um grau muito inferior de consciência, ambicionarmos a compreensão perfeita de temas

tão elevados. Guardemos em nós essas lacunas de entendimento com alegria, são guias para graus de conhecimento superiores. Avancemos com coragem.

Toda essa discussão reafirma a verdade de que antes do advento do Eu vivia o ser humano num estado crepuscular de consciência, amalgamado à consciência de outros seres, sem autoconsciência de si. Essa só surgiu na encarnação terrena, na Lemúria, e nos foi apresentada pelos Espíritos da Forma, os Exusiai.

Todavia, esse Eu surgido na Lemúria teria permanecido como instrumento de atuação dos Espíritos da Forma, seríamos apenas individualidades conscientes emanadas do Logos Universal por intermédio dos Espíritos da Forma e manteríamos eternamente obcecados à essa imagem espiritual fundadora de nossa consciência, sem nenhuma chance à liberdade e ao livre-arbítrio, caso não intervisse Lúcifer. Aprendemos em “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” como Lúcifer interveio, criando-nos um ego, a partir do qual pudemos nos interessar pelo mundo sensorial a nossa volta, como através do ego pudemos dar uso aos órgãos sensoriais que se desenvolviam desde o Antigo Saturno e, até então, permaneciam como instrumentos de hierarquias superiores. Após a intervenção dos espíritos luciféricos, assumimos o controle consciente de nossos instrumentos sensoriais, nos interessamos pelo mundo material pleno de impressões sensoriais e pudemos desviar nossa atenção da luz ofuscante que emanava da Trindade através dos Espíritos da Forma. Os Exusiai nos ensinaram a sermos seres individuais na evolução cósmica, Lúcifer nos mostrou como nos guiarmos no mundo material e anímico e nos incitou à liberdade e a tomar escolhas a partir de nossa própria consciência. Foi neste duplo movimento que se criou o que chamamos de consciência do Eu. Eu e ego têm seu desenvolvimento atrelado num só processo. Como exposto acima, os Arqueus passaram por esse processo em Saturno, nós na Terra. Sob essa lógica é evidente que os Arcanjos viveram a mesma experiência de desenvolvimento do Eu no Antigo Sol e os Anjos na Antiga Lua. E quem realiza esse trabalho, o de guiar o ser que perfaz sua evolução humana à autoconsciência do Eu, é sempre a entidade que passa pelo estágio evolutivo, pelo grau de consciência, de Espírito da Forma. Para os Arqueus em Saturno foram os Espíritos da Vontade (Tronos), para os Arcanjos no Sol os Espíritos da Sabedoria (Kyriotetes), para os Anjos na Lua os Espíritos do Movimento (Dynamis). Vejamos como Steiner descreve esse processo para nós, humanos na Terra.

“E foi o trabalho dos Espíritos da Forma dotar o ser humano de um Eu na Terra de maneira que pudesse se tornar independente por distinguir-se do entorno. Mas,

apesar de se tornar independente do mundo externo circunjacente, o ser humano não teria nunca alcançado independência em relação a esses Espíritos da Forma. Ele teria permanecido confiante neles, governado e guiado por eles como se puxado por fios. Tal não ocorreu devido a ação, em alguns aspectos benevolente, de seres luciféricos em oposição aos Espíritos da Forma na Lemúria. Esses seres luciféricos nos deram a possibilidade da liberdade, embora, ao mesmo tempo, tenham inculcado em nós a capacidade para o Mal, a possibilidade de deterioração em paixões sensuais.”

(“The Deed of Christ and the Adversary Powers of Lucifer, Ahriman and Asuras” in
“Disease, Karma and Healing” – págs. 184 e 185)

E vemos mais uma vez comprovada a tese de que ao desenvolvimento do Eu está irrevogavelmente associado também o advento do ego.

“A influência de Lúcifer fez nascer as tentações do mundo sensorial exterior; o homem assimilou-as, e a individualidade, proporcionada pelo Eu, ficou embebida dos efeitos emanados pelo princípio luciférico (...) a maneira como o homem sucumbiu às tentações do princípio luciférico tornou-se parte de seu carma.”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 77)

“A atuação que os seres espirituais estacionados no estado lunar (os seres luciféricos) exerciam sobre o homem teve para esse uma dupla consequência. Sua consciência foi despida do caráter de simples espelho do Universo, pois no corpo astral humano foi estimulada a possibilidade de regular e dominar as imagens da consciência. O homem se tornou senhor de seu conhecimento. Por outro lado, o ponto de partida dessa soberania era justamente o corpo astral, e o Eu, que lhe era superior, veio a ficar sob sua contínua dependência. Assim, o homem ficou, para todo o futuro, exposto à incessante influência de um elemento inferior em sua natureza.”

(“A Ciência Oculta” – págs. 180 e 181)

Em primeiro lugar, atentemos ao fato de os seres luciféricos atuarem na Terra ainda “estacionados no estado lunar”. São seres de evolução aberrante dentro da lógica temporal cósmica cármica. Na Terra que habitamos, deveriam os seres luciféricos já estar a viver em Futuro Júpiter – quando hoje estão os Anjos de evolução normal –,

entretanto, permanecem ainda na Antiga Lua. Já vimos em “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” como se deu esse sacrifício, e, por analogia, vamos compreender que esses acontecimentos que incidem hoje na Terra sobre nós também ocorreram na Antiga Lua, no Antigo Sol e no Antigo Saturno quando seres que sofreram a mesma dinâmica luciférica influenciaram na formação do ego em Anjos, Arcanjos e Arqueus. Mas, pela complicação que envolve o tema, deixemos isso mais para frente.

Em segundo lugar, reparemos como, nos extratos de textos acima, Steiner não usa o termo “ego”; não está em seu vocabulário, nunca usa o termo. Por vezes, o nomeia “eu inferior”, o que me parece uma escolha dada à confusão, o que muitas vezes acontece mesmo. É preciso destrinchar ao longo da obra de Steiner quando ele se refere ao Eu propriamente dito, e quando está a se referir ao ego. Esse detalhe traz nebulosidade ao conceito, que é compreendido muitas vezes de forma imprecisa nos meios antroposóficos. Raríssimas são as oportunidades onde surgem, pelas palavras de Steiner, algum tipo de alusão mais direta ao ego.

“O homem só pôde tornar-se livre acrescentando a esse Eu, um outro eu capaz de errar, sempre capaz de oscilar para o lado do Bem ou para o lado do Mal, mas também de sempre aspirar ao que constitui o conteúdo de toda a evolução terrestre. O eu inferior tinha de ser acrescentado ao homem por Lúcifer, para que o esforço do homem para elevar-se ao Eu Superior pudesse ser uma ação fundamentalmente sua.”

(“As Manifestações do Carma – pág. 193)

E, nessa dinâmica do Eu e do ego, é importante perceber, na passagem anterior, uma sublevação na hierarquia dos membros constitutivos humanos a partir da formação do ego: se ele é uma necessidade evolutiva humana, o fato é que toma o lugar do Eu, e embora não o supere na maneira como entendemos a constituição em platôs dos membros humanos, acaba por ocupar lugar de soberania na vida sensorial mundana. Isso tem importantíssimas implicações clínicas, em “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” ressaltarei diversas vezes como essa supremacia do ego traz consequências na manifestação de doenças, e também na evolução cármica de cada indivíduo. É tarefa cármica suprema de todos nós buscar o caminho que leva do ego ao Eu, o Antahkarana, assunto abordado exaustivamente em “Estudos Sobre As Manifestações do Carma”. A construção do Antahkarana, a ponte que vai do ego ao Eu, é o objetivo cármico das inumeráveis encarnações terrenas que se iniciaram na Lemúria. Assim, esses dois

membros humanos, que nasceram indissociáveis e a evolução subsequente tratou de afastar, podem ser novamente reunidos numa só instância. Então, terá o ser humano evoluído e poderá transcender à etapa jupiteriana de sua evolução cósmica, como já fizeram os Anjos e todas as hierarquias superiores. Mas, enquanto permanecemos na Terra, vejamos os problemas, e os desafios, que a natureza distinta mas inseparável do ego e do Eu nos traz.

EGO E EU: DE PROBLEMA CONCEITUAL A DESAFIO CÁRMICO

Em uma palestra intitulada “As Sete Súplicas do Pai Nosso”, Steiner explica que é através da oração ou da meditação que pode o ser humano se reconectar com a Divindade, realizar o que já foi chamado de *unio mística*, ou seja, a conexão com a Trindade divina. Melhor dizendo, reconexão, pois da Trindade emanou a espiritualidade que nos constitui e a qual estávamos intrinsecamente atrelados, desde nossa emergência em Saturno, até o surgimento do Eu na Lemúria. A partir daí, Steiner cita o fato da dupla natureza humana.

“Como todos nós sabemos, o homem é de dupla natureza. Em primeiro lugar possui aqueles quatro órgãos de que já tratamos muitas vezes: corpo físico, corpo etérico, corpo astral e Eu. É no interior do Eu que o homem possui as disposições para o futuro: manas, buddhi e atma.”

(“As Sete Súplicas do Pai Nosso” in “As Origens do Pai Nosso” – pág. 12)

Então, quatro membros inferiores – corpo físico, corpo etérico, corpo astral e Eu – e três superiores na forma de disposições para o futuro – manas, buddhi e atma. E foi durante a Lemúria que essa trindade superior do homem (manas, buddhi e atma) se uniu àqueles quatro membros inferiores.

“O que representa a entidade superior do homem, a parte eterna do organismo que futuramente se desenvolverá cada vez mais pelas três disposições – manas, buddhi e atma –, até então jazia no seio da Divindade.”

(“As Sete Súplicas do Pai Nosso” in “As Origens do Pai Nosso” – págs. 13 e 14)

Atenção!

Aqui há uma incongruência que não podemos, não devemos, deixar passar despercebida.

Steiner determina claramente a Trindade que nos habita na forma de germe para o futuro – manas, buddhi e atma – como a porção eterna do ser humano, e antes havia distinguido essa trindade dos corpos físico, etérico e astral e também do Eu. No entanto, afirma serem aqueles germes para o futuro gestados no interior do Eu.

Dúvidas.

Porque, primeiro Steiner inclui o Eu entre os quatro corpos inferiores e perecíveis, além disso, coloca a porção divina e eterna para ser gestada dentro de um deles, o Eu. É confusão demais para apenas três páginas de uma palestra obscura e pouco lembrada. Mas talvez comporte um segredo.

Steiner nos lembra que as imagens dessa estrutura quaternária inferior e ternária superior são representadas desde a mais remota Antiguidade, pelo quadrado e pelo triângulo, modelo eternizado pela escola de Pitágoras. O quadrado é o símbolo do perecível terreno, o triângulo do eterno espiritual. O Eu é representado como um dos ângulos do quadrado, e os corpos físico, etérico e astral ocupam os outros ângulos. Já manas, buddhi e atma são os ângulos do triângulo. Mas como podemos incluir manas, buddhi e atma no interior do Eu, como nos ensina o próprio Steiner, se este está na porção inferior e perecível? O que correntes do ocultismo propõem nesse caso é que o Eu seja deslocado do quadrado para o centro do triângulo, de onde trabalhará na constituição de manas, buddhi e atma. E no local antes reservado ao Eu no quadrado, que se lhe atribua o ego. Assim teríamos o ego como parte dos quatro membros inferiores da constituição humana, o que faz sentido se lembrarmos que o ego se dissolve e morre no mundo astral ao ingressar no kamaloka, se decompõe totalmente até atingir a esfera do Sol. Já o Eu permanece vivo e eterno, atravessa todas as esferas planetárias até atingir a meia-noite cósmica e retornar, pelas mesmas esferas, para a próxima encarnação terrena arrastando consigo ao longo de todo o percurso os embriões de manas, buddhi e atma.

Assim, teríamos que reformar a representação gráfica da natureza humana, e incluir o Antahkarana como a ponte que une o quadrado ao triângulo.

E o próprio Steiner, nessa mesma palestra, nos dá elementos para ratificar esse raciocínio.

Ao destrinchar o sentido oculto da oração “Pai Nosso”, Steiner afirma que a culpa deve ser atribuída ao corpo etérico, a tentação ao corpo astral e o mal ao Eu.

O mal atribuído ao Eu?!

Há um erro aqui! O mal sempre foi atribuído ao ego, introjetado no ser humano a partir de Lúcifer. O Eu é a porção divina e livre de erros no ser humano. Analisemos o seguinte trecho:

“A fim de elevar-se pouco a pouco de modo consciente à liberdade e à independência, ele (o ser humano) teve de passar pelas experiências do egoísmo e do interesse próprio. (...) O egoísmo penetrou no corpo humano, e por consequência o homem se tornou um ser egoísta e interessado em si mesmo. Vemos assim que o Eu obedece a todos os instintos e inclinações do corpo. O homem devora seu próximo e obedece a toda espécie de desejos e instintos (...) O homem pode pecar por ter-se tornado um ser dotado de um Eu, um ser autônomo (...) A palavra mal, na Ciência Espiritual, jamais é empregada a não ser pelo erro cometido pelo Eu.”

(“As Sete Súplicas do Pai Nosso” in “As Origens do Pai Nosso” – págs. 23 e 24)

Esse trecho é totalmente absurdo e discordante da ideia construída pelo próprio Steiner para o Eu. Só pode fazer sentido se substituirmos o termo Eu por ego. Aí então tudo funciona perfeitamente bem em seu lugar.

Custa-me crer que Steiner tenha cometido erro tão grosseiro. Sabemos que suas palestras e textos são de uma regularidade conceitual sem precedentes. Todas suas falas se articulam sem lacunas ou incongruências, seus mais de trinta anos de uma carreira extremamente profícua e longa foram de uma exatidão conceitual admirável, para dizer o mínimo. Porém, sua resistência em assumir no cerne de sua estrutura teórica o termo ego talvez tenha trazido um ponto de confusão. Confusão ou abertura?

É possível que equívocos de estenografia possam ter causado erros à publicação de suas palestras. Steiner não reviu o resultado delas após copiladas. Erros podem ter escapado ao olhar de um revisor pouco versado no assunto, erros que trouxeram fragilidade a todo o contexto. Lembremos que essa discussão ainda era embrionária no início do século XX; Freud patinava na mesma época em torno de semelhantes desafios para sua teoria da mente humana, apenas em 1923, quando publica “O Ego e o Id” ele define seu modelo definitivo para o inconsciente humano. Por

outro lado, talvez a fragilidade conceitual em torno da exata distinção entre Eu e ego tenha sido um ato necessário, no sentido de ressaltar a indissociabilidade, e interconexão, entre os dois termos. Não seria surpresa, a teoria de Steiner esconde muitos meandros ocultos à observação superficial. Porque o que vemos apresentando aqui de forma linear – antes vêm os Espíritos da Forma a criar o Eu, depois entram os espíritos luciféricos a construir o ego – não corresponde à dinâmica de como as coisas acontecem na vida prática. Está tudo sendo gestado ao mesmo tempo: na Lemúria e mesmo muito antes dela, desde o Antigo Saturno, estão as espiritualidades em ação para tornar o ser humano maduro o suficiente à emergência dessas instâncias psíquicas. Estudaremos esses detalhes. Mas antes é útil procurarmos em outros lugares conhecimentos que possam clarear nossas dúvidas. E é sempre bom retroceder às origens. Como já entendemos que ego e Eu são peças fundamentais no desenvolvimento do carma humano, nada melhor que procurar onde tudo começou, ou melhor, recomeçou, após o naufrágio da Atlântida e a preservação da antiga sabedoria pelo Manu e os sete rishis. Algo deve haver nos ensinamentos sagrados hindus que traga-nos auxílio. Pois as tradições sagradas refletem todas elas, umas de forma simples outras de maneira bastante sofisticada, essas mesmas preocupações acerca do ego e do Eu. O Bhagavad Gita, por exemplo, é uma ode ao diálogo entre o Eu e o ego. É um símbolo da construção do Antahkarana, que afirmamos ser o objetivo principal de todo processo clínico. Mas haverá tempo para volvermos à épica poesia de Arjuna e Krishna, estamos, por ora, interessados em esclarecimentos que nos delimitem a constituição oculta do ser humano. E é no livro “Ocultismo e seus Caminhos” de Wesley Moraes que vamos encontrar ensinamentos em nosso auxílio.

Wesley nos oferece o trabalho de decifrar e depurar os Vedas e os Puranas para nos apresentar um conhecimento que de outra forma precisaríamos de mais de uma encarnação para apreender. E em seu livro lemos a tradição hindu nomear cinco membros para o ser humano encarnado: annamayakosha (corresponde ao corpo físico), pranamayakosha (corresponde ao corpo etérico), kamamayakosha (corresponde ao corpo astral), manasmayakosha (também chamado de ahamkara, corresponde ao ego) e atma (corresponde ao Eu). Esse é o modelo da Medicina Ayurvedica, onde podemos observar o que se assemelha a uma pentamembração. Pretendo mostrar que esta configuração nos traz benefícios clínicos, por reservar lugar ao ego entre o corpo astral, de onde se originou, e o Eu, de onde também derivou. Porque o ego foi tecido a partir do aparato neurossensorial cerebral por Lúcifer ao longo da Antiga Lua, mas também ungido a partir da gota divina pingada em nós através dos Espíritos da Forma. O ego reúne elementos anímico-físicos à divindade gotejada em nós pelas altas hierarquias. E

isso foi azeitado numa estrutura operacional e posto para funcionar na alma humana por Lúcifer. O ego é uma estrutura que nasce no corpo astral e aspira à elevação espiritual através do caminho do Antahkarana que leva ao Eu.

O ego foi muito maltratado no Ocidente. Tanto na Antroposofia como na Psicanálise e também na Teologia foi condenado como o pecador, aquele que leva o ser humano ao erro, a mazela que contamina a humanidade e torna a Terra um local menos bom para se habitar. Mas sem ego não estaria eu aqui escrevendo essas linhas, nem vocês aí lendo-as. Estaríamos desde a Lemúria, e para todo o sempre, congelados no deslumbramento paralisante da luz do alto. Não haveria carma nem dharma, seríamos um Eu estático e reencarnaríamos sempre iguais e os mesmos, numa monotonia eterna, em ciclos que se repetiriam, e se repetiriam, e se repetiriam... O ego trouxe a diferença, a possibilidade de escolha entre Bem e Mal fundamental para toda a evolução cósmica. Devemos isso ao ego.

É o ego quem bate à porta e nos procura em nossos consultórios. É ele quem liga e marca consulta – hoje em dia, na verdade, prefere mandar uma mensagem por whatsapp. É o ego quem sofre e sente dor, sem dor o ser humano permaneceria inerte aos desafios cármicos. Sem a dor e a doença que são produzidas no seio egóico inconsciente humano, manter-nos-íamos desinteressados de qualquer tipo de evolução cármica. Se o Eu traz ao ser encarnado na Terra o impulso cármico trabalhado nas esferas, é este expresso através das escolhas do ego. Devemos dar mais carinho e atenção aos sofrimentos terrenos e mundanos do ego. Por vezes ele é infantil, mesquinho, arrogante, violento, desagradável, irritantemente autorreferente e limitado. Mas é através dele que podemos acessar clinicamente a alma daqueles que sofrem e nos pedem ajuda, seja por uma unha encravada, por sintomas depressivos ou por suspeita de câncer. É o ego a estrutura maleável, mutável e dinâmica que é acessível ao nosso trabalho, é por seu intermédio que podemos ajudar o indivíduo a encontrar o caminho luminoso que indica a senda para o Eu. O ego tem medo, pois tem consciência da própria morte, precisamos ter amor a esse medo, acolhe-lo clinicamente e cuidar dele. Enquanto o Eu, após atravessar o portal da morte, migra seguro e incólume pelas esferas, o ego se dissolve no Kamaloka, devolve ao mundo astral a substância anímica da qual é forjado. O Eu penetra o Devachan seguro da verdade da reencarnação, o ego se extingue. É importante perceber que o nome atribuído ao ego, manasmayakosha, tem em seu interior o termo maya, assim como têm também os outros membros inferiores. Maya em sânscrito significa ilusório, temporário, impermanente, que pertence ao mundo físico e tem duração limitada na dimensão espiritual, se extingue após a morte. Tudo que é temporário, ilusório e morre nos causa dúvida e medo. O

manasmayakosha é o corpo (kosha) ilusório (maya) de manas. É ilusório, terreno, constituído por matéria perecível; mas por também tocar o divino – como nos mostra o prefixo manas, o mais inferior dos corpos divinos inscritos na dimensão humana, como diz Steiner em “As Origens do Pai Nosso” – é um corpo autoconsciente. É o ilusório com consciência de si mesmo, consciência consciente de sua própria impermanência. É compreensível o medo. Temos que respeitar esse medo, não considerá-lo algo menor ou ridículo, desprezível ou mesquinho, mas humano e mundano. O Claudio que escreve essas linhas vai morrer, o ego que, aí do outro lado, as lê também. A construção do Antahkarana se inicia no medo da morte, e o primeiro desafio a ser superado é justamente esse, é a mensagem clínica mais importante que temos a oferecer àqueles que nos procuram em sofrimento. Steiner nos ensina essa verdade através de sua mais bela poesia.

“Temos que erradicar da alma todo medo e temor do que o futuro possa trazer ao homem. Temos que adquirir serenidade em todos sentimentos e pensamentos a respeito do futuro. Temos que olhar para frente com absoluta equanimidade para com tudo o que possa vir e temos que pensar também que tudo o que vier nos será dado por uma direção mundial plena de sabedoria. Isso é parte do que temos de aprender nessa era. Viver com pura confiança sem qualquer segurança na existência. Confiança na ajuda sempre presente do mundo espiritual. Em verdade, nada terá valor se a coragem nos faltar. Disciplinemos nossa vontade e busquemos o despertar interior todas as manhãs e todas as noites.”

(“Oração para esta Era de Michael”)

A oração é belíssima. E exprime a mais pura verdade emanada do mundo espiritual. Mas, convenhamos, não é fácil para um ego se confortar com essas palavras. É preciso alguma trajetória pelos caminhos iniciáticos e ocultos para apreender esses ensinamentos de forma verdadeira, para internalizá-los na alma e fazermos deles um norte que guie nossas ações na vida mundana do dia-a-dia, para nos alegrarmos com a morte terrena do ego. Vamos continuar vivos em nossa essência espiritual eterna, no Eu, e isso nos conforta, mas não justifica o desprezo ao sofrimento do ego que sabe de sua limitação no tempo. Para o Eu o tempo é eterno, para o ego é limitado, uma cronologia. E agora que temos delimitado o campo de nosso estudo – o problema que se insere no uso conceitual e clínico dos termos Eu e ego e sua necessária inter-relação – podemos iniciar o mergulho na Ciência Oculta, para onde tudo começou, onde não

havia ainda o Tempo mas apenas a Duração, iniciemos nossa viagem no Antigo Saturno.

A EMERGÊNCIA DO SER HUMANO NO ANTIGO SATURNO

É comum, àquele que inicia seus estudos na complexa cosmogênese de Steiner, entender o Antigo Saturno como o início de tudo. Não é. Livremo-nos logo dessa interpretação errônea.

“Assim como na Humanidade atual as várias épocas da vida humana não apenas se sucedem, mas coexistem lado a lado, o mesmo acontece no desenvolvimento dos graus de consciência. (...) em Saturno, não só existiam os antepassados do ser humano com sua consciência saturnina abafada, a seu lado existiam outros seres que já haviam desenvolvido os graus mais elevados de consciência. Já existiam, ao começar a evolução de Saturno, certas naturezas com a consciência solar, outros com a consciência imaginativa (consciência lunar), outras com a consciência semelhante à consciência atual do homem, uma quarta espécie com a consciência imaginativa (psíquica) autoconsciente, uma quinta com uma consciência objetiva (suprapsíquica) autoconsciente e uma sexta com uma consciência (espiritual) criadora. (...) E após o grau de Vulcano, o ser humano continuará a evoluir e atingirá então graus de consciência ainda mais elevados.”

(“A Crônica do Akasha” – pág. 111)

Há vida antes de Saturno, e também depois de Vulcano. E cada etapa dessas, como já vimos, corresponde a um grau na evolução da consciência, elas coexistem no Tempo. Saturno, Sol, Lua, Terra, Júpiter, Vênus e Vulcano estão todos a existir ao mesmo tempo. Em Saturno, a consciência solar citada por Steiner corresponde à etapa evolutiva pela qual passavam os seres que chamamos de Anjos e a lunar aos Arcanjos e assim sucessivamente para Arqueus, Espíritos da Forma, Espíritos do Movimento e Espíritos da Sabedoria. Este último corresponde a etapa evolutiva que alcançaremos em Vulcano. E como há vida após Vulcano, no Antigo Saturno, estão os Tronos, Querubins e Serafins a habitarem estágios evolutivos da consciência ainda superiores, estágios que não nos são permitidos imaginar.

O Antigo Saturno é a origem do ser humano, antes já existia o Universo e seres espirituais em evolução cármica, mas, para nós, foi onde tudo começou. Então, da mesma maneira que para a Ciência Natural o Big Bang não marca o início da existência, mas apenas do Universo material entendido a partir das leis físicas que o regem, o Antigo Saturno marca para a Ciência Espiritual não o início do Universo e sim o despertar da trajetória humana. Uma outra semelhança é que ambos definem também o início do Tempo. E se não podemos olhar para o lado de lá do Big Bang, se não podemos saber o que existia antes, é porque ele representa o início das leis que comandam a matéria, as leis que descobrimos através de nossa ciência material. Não podemos através da ciência perceber nada que se estenda além dela. Essa é outra semelhança com o Antigo Saturno, ele delimita até onde vai a nossa possibilidade de enxergar o Akasha – talvez Steiner e outros iniciados possam vislumbrar além, mas não nos contaram nada sobre isso, deixaram o assunto oculto, marcaram Saturno como o limite, contentemo-nos com isso. Esse limite se dá pelo simples fato de ser o Antigo Saturno o momento quando se inicia a consciência humana, não nos é possível enxergar além desse marco. E, entre as semelhanças já expostas, aqui há uma diferença entre o Big Bang e o Antigo Saturno. O primeiro parte da concepção do mundo físico, onde a substância original é a matéria; já quanto ao Antigo Saturno o ponto de partida é a consciência, onde a substância original é espiritual, sendo a matéria nada mais que sua hipóstase, ou seja, sua densificação num processo de coagulação que emana do plano espiritual mais sutil até o plano material mais denso. Feitas essas considerações, já podemos adentrar o mundo calorífico do Antigo Saturno.

“Com a aparição do calor saturnino nossa evolução sai da vida interior, da pura espiritualidade, para entrar pela primeira vez numa existência exteriormente manifesta. (...) com o estado calórico saturnino aparece também, pela primeira vez, aquilo que denominamos tempo. Os estados precedentes não são temporais, pertencem à região que na Ciência Espiritual se pode chamar de duração.”

(“A Ciência Oculta” – pág.125)

Esse curto trecho traz inúmeros ensinamentos. Todavia, como afirmei no início, vamos nos concentrar aqui nos aspectos da cosmogênese que nos guiam no estudo do Eu e do ego. Em primeiro lugar, devemos atentar ao fato de a vida não se iniciar no Antigo Saturno, mas se exteriorizar. E essa é uma diferença importantíssima. Para a Ciência Natural a vida se origina da matéria, porque é a matéria física a substância

original do Universo criado a partir do Big Bang. E estão os cientistas até hoje torturando suas mentes para demonstrar como de algo inerte e mineral pôde surgir a vida orgânica. Na Ciência Espiritual esse problema não existe, porque a substância original é a consciência, e essa já é viva. A matéria é que se origina dessa consciência espiritual original. Já definimos esse processo através do conceito de hipóstase, o processo pelo qual o que é espiritual se coagula na direção da matéria física. Mas, essa hipóstase vai passar por distintas etapas de densificação até chegar à matéria bruta mineral como a conhecemos na Terra. No Antigo Saturno a vida se exterioriza a partir da substância espiritual e atinge apenas a etapa material mais sutil do calor. Calor anímico, não o calor descrito pela termodinâmica moderna. Calor como a substância mais sutil da matéria, como o mais tênue dos seus elementos constitutivos. Não como a sensação térmica exterior que nos aquece oriunda do Sol físico, mas como o que podemos perceber na forma de calor interior anímico, claro, se nos fosse possível destituirmo-nos de todos os tipos de pensamentos e sentimentos a preencher nossa atual consciência e restasse-nos apenas o querer inconsciente, a vontade. Vontade como substância anímica original. No Antigo Saturno existia apenas essa vontade manifestada na forma de calor anímico, e foi através do calor que a substância espiritual original se fez vida material exteriormente manifesta, ou seja, deixou sua existência puramente espiritual para se tornar um corpo físico de calor, não um corpo material como conhecemos atualmente, mas um corpo sujeito às leis físicas que regem a matéria; aqui ainda no estado de calor anímico, porém submetido às leis físicas.

Mas atentemos novamente ao fato, é sempre bom lembrar, de que se o Antigo Saturno é o momento no qual a vida se exterioriza a partir do tecido espiritual no primeiro rudimento de ser humano, o mesmo não acontece às hierarquias superiores. Já cumpriam todas elas seu percurso evolutivo quando, advindo de etapas anteriores – etapas que não nos são dadas a conhecer e, portanto, não nos interessam aqui –, o corpo planetário que habitamos emergiu de um pralaya na forma de Antigo Saturno. As outras formas da matéria já lá estavam, embora para os seres humanos não houvesse ainda o ar, a água ou a terra, já estavam os seres que hoje chamamos de Anjos, por exemplo, a desenvolver seu corpo etérico a partir do elemento ar e lá estavam também os que atualmente denominamos Arcanjos as voltas com a construção de seu corpo astral através do elemento água. Esses seres vieram de um tempo em que para o ser humano ainda não havia o Tempo. Tudo o que havia era a Duração, pois a vida humana ainda não se exteriorizara na forma de um corpo de calor. Então quando algo emerge da Duração – que podemos imaginar como um eterno e imutável estado de consciência cósmica silenciosa – pega o bonde da vida literalmente andando. Isso que anda é o

Tempo. E todos os tempos cabem no Tempo, ao mesmo tempo. Já foi explicado, mas não constitui exagero repetir com outras palavras, estamos agora desenvolvendo nosso Eu na Terra, enquanto os animais estão ainda a desenvolver o corpo astral na Antiga Lua. E os Anjos, nesse exato momento, habitam já o Futuro Júpiter, cumprindo lá com seus compromissos de desenvolvimento cármico. Ou seja, todos os estados de encarnações planetárias estão em existência paralela num tempo que é sempre presente, mas comporta a ideia de passado e futuro. Embora o animal de hoje não seja uma cópia do animal que fomos na Antiga Lua, e o Anjo quando habitou a Lua na forma humana não fosse idêntico aos humanos que somos hoje, assim como quando formos Anjos no Futuro Júpiter certamente seremos distintos aos Anjos que lá já estão, cumprimos todos etapas evolutivas que correm simultâneas no Tempo: o que é presente para mim é futuro para meu cão e passado para o Anjo que zela por minha noite de sono. Compartilhamos o presente apenas no espaço físico em que vivemos, mas no mundo da consciência habitamos universos paralelos. Insisto nessa concepção do Tempo por ela ser extremamente importante para entendermos a dinâmica Eu-ego. Entender o Tempo não como cronologia material, mas como consciência, onde no presente cabem o passado e o futuro. Os estóicos têm algo a nos ensinar nesse sentido.

Para os pensadores desse sistema filosófico que surgiu logo após Platão e Aristóteles imortalizarem os ensinamentos de Sócrates, ao lado dos corpos físicos materiais existiam os incorporais, e eles eram de profunda importância. Assim, o Tempo, o Vazio, o Lugar e o Dito (*Lektá*) ocuparam as mentes estóicas de forma a nos deixar um legado proveitoso ao nosso raciocínio. É porque se estamos conceituando o Tempo a partir da consciência precisamos de um modelo que transcenda a usual concepção de presente como momento instantâneo, sem realidade objetiva, inapreensível, pois no que é já foi. Delimitado por um lado pelo passado que se estende a fronteiras tão antigas quanto inalcançáveis preenchidas por substrato imutável e, por outro lado, formatado em um futuro infinito tecido de puro devir errático e imprevisível, esse conceito de presente inscrito num tempo organizado pela cronologia matemática pode ser bom para prever os eventos do mundo físico material, funciona bem, por exemplo, para calcular a órbita dos planetas ou para nos precavermos de um hipotético choque de um asteroide com a Terra, para o mundo enxergado pela ótica limitada do Big Bang – na verdade, não funciona tão bem, como denunciam a física quântica e a Teoria da Relatividade de Einstein, mas deixemos passar, não nos interessa aqui discutirmos problemas que não são nossos. Entretanto, para nosso entendimento espiritual do Universo, esse conceito de Tempo claramente não serve, porque a consciência não é fenômeno instantâneo como o elétron material que se colapsa fisicamente aos olhos da física – apesar de no

instante seguinte já não mais lá estar. Assim como o elétron apreendido como onda pela física quântica, a consciência, como podemos deduzir de sua origem espiritual, comporta uma duração. Ela se estende e se alonga no Tempo, tanto para frente em direção ao futuro como para trás rumo ao passado. Vimos nos “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” como a representação mental e a vontade se fundem e se transformam uma na outra, num jogo que corrompe os limites do passado e do futuro, como a vontade se manifesta na encarnação futura na forma de representação mental, e como essa é um reflexo do que emana do passado na forma de germe da vontade. A vida atual presente é passado que se reflete e também futuro que germina, as leis do carma não cabem nas leis físicas do Tempo. Porque é o carma ligado não aos fenômenos da matéria, mas da consciência. E os estóicos têm uma maneira elegante de resolver esse problema.

Para esse grupo de pensadores que habitou a Grécia nos séculos III e II A.C. o tempo presente comporta em si uma porção de passado e outra de futuro. Trata-se de um presente estendido (*katà plátos*), um presente que comporta uma duração, não apenas uma fração de momento inapreensível. Não apenas um elétron que como partícula material se colapsa à observação do físico, mas o elétron que como onda se estende ao passado e ao futuro sem localização precisa nem no Tempo nem no Espaço. Um conceito de Tempo que traz em si a Duração, momento presente que dura no Tempo. Um Tempo mais confortável para abrigar os processos de consciência, de modo que, respeitando suas origens atemporais espirituais, ela possa durar no mundo físico material regido pelo Tempo. Consciência viva, viva no contexto de um tempo que dura, substância viva original de onde deriva a matéria. E consciência ligada à Duração, não apenas a um instante, mas a um presente estendido, *katà plátos*, como também queriam os estóicos. Essa consciência durável nos abre as portas para pensar, por exemplo, o passado sob os aspectos egóicos da memória e também os mistérios futuros da vontade atrelados ao Eu. O tempo seria o efêmero momento em que o cientista observa os fenômenos, quando estes se colapsam na forma de matéria física para, logo após, assumir seu padrão de onda vibratória onde o futuro é um campo aberto de possibilidades. Esse futuro na forma de um porvir, que encerra múltiplas probabilidades não cabe no Tempo, mas sim na Duração. E o passado dinamizado pela Duração não é um tempo estático, mas fluido, móvel, vivo, aberto aos eventos futuros. Passado e futuro se tocam no presente estendido, *katà plátos*, onde se desenrolam os acontecimentos cármicos.

“Um evento, ao ocorrer, exhibe um padrão que requer uma duração que envolve um lapso de tempo definido, e não meramente um momento instantâneo.”

(“Ciência sem Dogmas” – pág. 130)

Essa afirmação é de Alfred Whitehead, um filósofo inserido no seio das discussões acerca dos fenômenos do tempo e da consciência no início do século XX, contemporâneo de Steiner, portanto. A filosofia de Whitehead ajuda-nos a conceituar a consciência no Tempo, na verdade na Duração, e não no Espaço, como faz a Ciência Natural. Esta parte da premissa do tempo cronológico que flui evolutivamente em apenas uma direção, e também do entendimento de ser a matéria a substância original de onde deriva a consciência. Então busca um local para alojar o que entende como mente, seja na pineal, como definiu Descartes, ou nas sinapses cerebrais como teoriza a atual Neurociência (embora não tenha apresentado ainda nenhuma prova científica disso que hoje ela afirma ser uma verdade indiscutível). Já a Ciência Espiritual, por compreender a consciência como a substância original – de onde emana a matéria –, não demanda uma localização para ela, mas precisa atrelá-la à Duração, de modo a conferir coerência argumentativa às suas teses abertas tanto ao passado como ao futuro como exige a dinâmica cármica. Isso é primordial para reforçar nosso argumento de compreender a evolução planetária e do homem não pela lógica espacial localizacional da matéria, mas a partir da consciência. Antigo Saturno, Antigo Sol, Antiga Lua, Terra, Futuro Júpiter, Futuro Vênus e Futuro Vulcano não são fatos materiais astronômicos marcados por um tempo cronológico que corre de forma linear do passado ao futuro. São fenômenos ligados à consciência, que coexistem, se interconectam em uma duração. Todas essas encarnações planetárias acontecem ao mesmo tempo, e não são momentos, são durações. Na Terra duram fenômenos ligados à Antiga Lua, assim como também habitam realidades do Futuro Júpiter. Presente estendido, *katà plátos*.

É nesse contexto que retornamos ao Antigo Saturno. Quando, e não onde, vamos buscar os primórdios da emergência do ser humano. Um contexto quando Saturno se manifesta através de uma atmosfera de natureza espiritual a partir da qual emergirá o ser humano. Atmosfera oferecida pelos corpos anímicos de seres superiores. Quando o ser humano constituir seu corpo físico calórico, este deve ser entendido como calor de origem anímica. E essa substância anímica de onde extraímos nossa fonte de calor foi cunhada a partir da vontade, vontade oferecida pelos Tronos, os Espíritos da Vontade.

E aqui ressalto um fato importante.

Estavam os Tronos, no Antigo Saturno, em sua etapa evolutiva correspondente aos atuais Espíritos da Forma, os Exusiai, os Elohins bíblicos como Yahweh, que na Lemúria mostraram ao ser humano a luz que emana na forma de um Eu. Vamos ver também que no Sol quem nos dá o corpo etérico são os Espíritos da Sabedoria e na Lua o nosso corpo astral é cunhado pelos Espíritos do Movimento. O detalhe é que todos esses entes perfazem sua etapa evolutiva como Espíritos da Forma quando nos ofertam nossos membros constitutivos essenciais. Recapitulando: o corpo físico é trabalho dos Espíritos da Vontade em Saturno, o corpo etérico dos Espíritos da Sabedoria no Sol, o corpo astral dos Espíritos do Movimento na Lua e o Eu dos Espíritos da Forma na Terra; no entanto, o que chamo a atenção, é o fato de todos eles estarem na fazem evolutiva de Espírito da Forma, de Exusiai, quando operam suas ações sobre nós. Atentos a essa verdade, vamos acompanhar nas sucessivas encarnações planetárias a dinâmica desses seres, de modo que possamos aprender como de um corpo calórico se constrói um Eu. Por enquanto, todavia, nos concentremos nos Tronos, no Antigo Saturno, quando somos preenchidos de vontade, a substância anímica necessária para emergirmos na forma de um corpo calórico. Primeira individuação do ser humano da substância espiritual original.

Outros espíritos, também atuam no início da emergência humana em Saturno, por exemplo, os Espíritos da Sabedoria, Kyriotetes. Cumprem o papel de infundir a vida ao Antigo Saturno. Nesse estágio de consciência planetária existem corpos, mas não ainda exatamente vida. Esses corpos são fantasmas que devem ser preenchidos com a vida que emana de fora. Quem cumpre essa missão são os Espíritos da Sabedoria. Então de Saturno reflete-se a vida que lhe é irradiada por esses espíritos mais elevados.

Porém, mais uma vez, precisamos equivocar as noções mais rasteiras. De que entidade muito elevada se está falando? Afinal, em Saturno, cumprem os espíritos que na Terra habitam a faixa de consciência de Espíritos da Sabedoria sua passagem pelo nível em que estão hoje os Arqueus. Tudo bem, podem ser mesmo elevados em relação a nós humanos, mas um Arqueu não ocupa posição tão elevada assim.

Antes de o ser humano adentrar a dimensão calórica de Saturno e desenvolver os primeiros rudimentos de vida consciente, ele habitava a pura dimensão espiritual. Isso foi antes do Tempo, quando, para nós, tudo era Duração. E essa dimensão espiritual é caracterizada pelo que Steiner define como calor puramente anímico e exteriormente imperceptível, luz puramente espiritual percebida apenas como trevas do exterior e essência espiritual perfeita em si mesma sem a necessidade de seres exteriores para tornar-se cônica de si. Então percebemos que antes do calor de

Saturno, a vida é totalmente voltada para seu próprio interior, sem manifestação para fora, imperceptível a partir do exterior. Foi a vontade oferecida pelos Tronos que possibilitou àquela essência espiritual perfeita em si mesma emergir na forma de calor, a primeira manifestação exterior dessa vida calórica sob a forma humana; depois veio a oferta dos Kyriotetes, os Espíritos da Sabedoria, que possibilitaram à luz puramente espiritual se manifestar como vida. Ora, sabemos do capítulo X de “As Manifestações do Carma” que a matéria é luz comprimida, podemos então perceber os seres surgidos a partir da vontade dos Tronos a comprimir luz numa forma material que em Saturno ainda era apenas calor. É o início da vida material que se reflete a partir da vontade e da sabedoria oferecida por esses seres superiores. Mas que no Antigo Saturno não são tão superiores assim. Em Saturno os Tronos são Exusiai, e os Kyriotetes não passam de Arqueus. Como podem esses seres, nesse estágio evolutivo não tão elevado, nos possibilitar tal grau de acontecimentos espirituais?

Voltando aos “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” vamos lembrar que deduzimos da luz condensada em matéria a hipóstase de Sophia, e do *Logos* feito vontade a ação de Cristo. Só posso concluir então que, através dos Espíritos da Vontade e da Sabedoria, atuam Cristo e Sophia. Então, por intermédio de forças que emanam da Trindade, Tronos e Kyriotetes – na época Exusiai e Arqueus – podem nos fornecer o calor vivo; e vamos acompanhar como desse calor surgiu, após três encarnações planetárias, o Eu terreno.

Cristo e Sophia, mais uma vez. Como naquele mito gnóstico maniqueu que analisamos nos “Estudos Sobre As Manifestações do Carma”. O sopro divino na forma de Cristo e Sophia que veio trazer vida à criação de barro de Ahrimã. Mas e Lúcifer? Onde está Lúcifer nessa história?

Resta ainda avaliarmos o terceiro componente da vida interior, aquela antes do Tempo, quando ela é apenas Duração, quando ainda não se exteriorizou. Trata-se do calor puramente anímico, e através deste vão atuar os Dynamis, os Espíritos do Movimento. Quando a vontade crística se manifestar na forma corpórea de calor e a sabedoria sophística na forma de vida refletida, atuam também os Espíritos do Movimento impregnando a vida com suas qualidades astrais. Saturno, agora, se preenche de simpatia e antipatia, reflete a atividade anímica provinda dos Espíritos do Movimento. Sobre essa base anímica, agem também os Espíritos da Forma, atuam sobre a massa anímica primordial e a fracionam em uma multiplicidade de seres vitais individualizados.

Essa individualidade é ainda muito rudimentar, na verdade, pouco distinta da massa original, mas, embora obviamente não se possa pensar em seres autoconscientes, esse primeiro vestígio de individuação, de forma, antecipa em germe o Eu que advirá na Lemúria. E para encontrarmos também os primeiros indícios do ego, atentemos a como Steiner encadeia os trabalhos dos Espíritos do Movimento (Dymanis) e da Forma (Exusiai) ao dos Espíritos da Personalidade (Arqueus).

“Com a continuação de sua própria evolução eles (Dynamis) se ocupam (...) com a elaboração posterior do corpo material humano, no qual implantam a faculdade do movimento. (...) Depois desse ponto começa o trabalho (...) dos Espíritos da Forma (...) Por meio desse trabalho o corpo material humano, que antes disso era uma espécie de nuvem dotada de movimento, adquire uma forma limitada (...) Depois segue-se a atividade dos Espíritos da Personalidade ou da Egoidade. Nesse grau de evolução eles adquirem uma consciência semelhante à atual consciência humana terrestre. Eles habitam o corpo material humano, dotado de forma, na qualidade de “almas”, de modo semelhante ao qual a alma humana habita hoje seu corpo. Eles doam ao corpo uma espécie de órgãos dos sentidos, os germes dos órgãos sensoriais (...) Os Espíritos da Personalidade podem elaborar as imagens dos germes dos sentidos com sua própria alma, de modo a conseguir, com o auxílio deles, perceber objetos exteriores (...) Esses espíritos implantam no corpo humano a egoidade, o egoísmo (...) Aos resultados de sua atuação deve-se não só a degenerescência da egoidade em egoísmo: por outro lado eles também são os responsáveis por toda forma de independência do homem. Sem eles este último nunca seria uma entidade concentrada em si mesma, uma personalidade.”

(“A Crônica do Akasha” – págs. 113 e 114)

Aqui está exposto, com toda a clareza, como ego e Eu foram forjados em Saturno na mesma fornada anímica. Os Exusiai dão forma individualizada à massa anímica indiferenciada, os Arqueus implantam nela os primórdios da egoidade. E essa é a mais direta referência ao ego em toda a cosmogênese de Steiner. Percebamos como o ego está associado à percepção do mundo exterior, e como está claríssima a formação primordial do ego a partir do trabalho dos Arqueus, em Saturno ocupando o nível de consciência humano. Por não possuírem um corpo físico, habitam esses seres o corpo físico calórico do Anthropos e se servem dele para contatar conscientemente o mundo exterior. Claro também está como se encadeiam, a cada ronda de uma encarnação

planetária, o trabalho contínuo e sucessivo das hierarquias. Não seria possível aos Arqueus desenvolverem a egoidade se na ronda anterior não tivessem os Exusiai individualizado num corpo limitado a nuvem de matéria calórica que havia sido dotada de movimento pelos Dynamis na ronda ainda mais anterior. E antes disso, em uma ronda prévia, atuaram os Kyriotetes, para emprestar sua vida aos fantasmas individualizados pelos Tronos da substância espiritual indiferenciada na primeira das rondas saturninas. Está resumido aqui o desenvolvimento humano em Saturno. Cada hierarquia espiritual atua em sua ronda contribuindo na formação do ser que na Terra vai se expressar como humano. E para nosso assunto, a formação do ego e do Eu, fica evidente como cada uma dessas etapas trouxe sua contribuição. E Lúcifer?

Vamos conceituar o impulso luciférico como a origem de um ego autoconsciente e aberto ao mundo exterior, liberto em relação às hierarquias espirituais. Já analisamos em “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” como isso aconteceu na Lemúria; voltaremos ao tema no momento oportuno. Mas está claro como podemos encontrar esse mesmo impulso luciférico agindo sobre o ser humano em Saturno através dos Arqueus; agindo não sobre o corpo astral como na Lemúria, mas sobre o corpo físico calórico. Sabemos que o impulso luciférico é aquele que desvia os seres de sua evolução natural através das hierarquias planetárias. Seres que denominamos luciféricos desviaram-se de sua evolução na Antiga Lua e permanecem, na Terra, presos às qualidades lunares. O mesmo aconteceu com os seres que em Saturno desviaram-se de sua evolução natural e agiram sobre o ser humano, a eles damos o nome de Asuras. Retomemos a última citação acima do ponto onde paramos.

“Aos resultados de sua atuação deve-se não só a degenerescência da egoidade em egoísmo: por outro lado eles também são os responsáveis por toda forma de independência do homem. Sem eles este último nunca seria uma entidade concentrada em si mesma, uma personalidade. A doutrina cristã usa para eles a expressão Arqueus, e a literatura teosófica Asuras.”

(“A Crônica do Akasha” – pág. 114)

Steiner não se faz muito claro, mas parece-me que aqui mostra como nessa etapa evolutiva atuam seres que se separam de sua evolução normal. Todos sabemos, é fato notório em Steiner, que os seres que atuam como desviantes e possibilitam a existência do Mal são Asura (se desvia no Antigo Saturno a partir dos Arqueus), Ahrimã

(se desvia no Antigo Sol a partir dos Arcanjos) e Lúcifer (se desvia na Antiga Lua a partir dos Anjos). Todos se desviam, se sacrificam, ao perfazer a etapa evolutiva humana. E somos nós, na Terra, a atualmente ocupar o posto.

Essa conclusão traz sérias e importantes implicações a nossa vida comum, enquanto Humanidade, e também a vida individual de cada um. E é só olhar para o lado para constatar como, de fato, muitos parecem estar se desviando mesmo. O que instiga profundas reflexões acerca do carma, tanto ao carma individual, como ao carma da Humanidade. A conclusão é que alguns de nós (muitos?) não vão evoluir a Júpiter, permanecerão no nível de consciência terreno; porém, não existindo mais a Terra propriamente dita enquanto objeto astronômico, tais seres desviantes aprisionados ao grau de consciência terreno habitarão o que nos meios esotéricos se chama de Oitava Esfera. São assuntos difíceis para os quais estamos começando apenas a acordar, e nos trazem arrepios. Assim, deixemos nossa evolução terrena para momento mais à frente, tornemos a focar em Saturno.

Parece-me óbvio não mais ser possível entender Lúcifer apenas como um Anjo caído, que se atrasou em sua evolução na Antiga Lua. Agora, precisamos entender as forças luciféricas como um impulso que produz desvio à evolução. Responsável pela formação não só dos seres que chamamos luciféricos, como também dos ahrimânicos e dos asúricos; e também de todos os outros que se desviaram antes de Saturno e que se desviarão em Futuros Júpiter, Vênus, Vulcano e depois. E que está, nesse exato momento, a atuar sobre nós humanos na Terra. A conclusão é a de haver um impulso espiritual atuante sobre as Hierarquias quando estas perfazem sua evolução humana de forma a provocar uma bifurcação evolutiva. E parece lógico. É na etapa humana, justamente pelo advento do ego, que o ser passa a ser cômico de suas escolhas, é como humano que pode-se escolher entre o Bem e o Mal. E esse impulso luciférico é oriundo de instâncias espirituais muito superiores; de onde e como ainda vamos elaborar melhor mais à frente. Mas o que precisamos assumir é que Lúcifer atua na Lemúria sobre o ser humano para formar-lhe o ego através de seres que, na Antiga Lua, atrasaram-se em sua evolução, sacrificaram-se, seriam Anjos na Terra, não são, tomaram outro caminho evolutivo. Lúcifer atua também no Antigo Saturno sobre o ser humano, através dos Arqueus, para formatar o calor puramente anímico posto em movimento pelos Dymanis e individuado pelos Exusiai a partir da substância espiritual original em um germe do que será, na Terra, o ego.

Parece que localizamos, por intermédio da ação das entidades espirituais, a formação dos germes do Eu e do ego no Antigo Saturno. Acompanhemos o trabalho

subsequente das Hierarquias no Antigo Sol e na Antiga Lua para confirmarmos essa hipótese e construirmos um conhecimento que culmine na emergência do Eu e do ego na Lemúria.

Mas nada pode ser tão simples assim na gênese humana contada por Steiner, ainda restam detalhes importantes para comentarmos sobre o Antigo Saturno.

Em uma série de palestras chamadas “Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132), Steiner também aborda a cosmogênese e o desenvolvimento humano e das outras hierarquias. E nestas palestras, mais até que em “A Ciência Oculta” e em “A Crônica do Akasha”, é bastante explícito em apresentar o tema a partir de uma evolução pelos níveis de consciência. E como já vimos, falar de consciência é teorizar acerca do Tempo. Na segunda palestra, dedicada ao Antigo Saturno, Steiner é bastante claro ao situar a dinâmica da evolução planetária como um tecido contínuo do Tempo, não como algo marcado por uma cronologia.

“O que aconteceu no tempo de Saturno, não teve lugar apenas lá – continua a acontecer mesmo hoje, apenas está encoberto e invisível pelo que hoje circunda o homem no plano físico.”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 2¹)

E ainda sobre o Tempo, afirma que não só ele mas também o Espaço não existem em Saturno. Nas primeiras rondas de Saturno nenhum desses dois conceitos existem. Baseado nessa premissa, Steiner elabora uma descrição poética, e também assustadora, do que seria uma hipotética tomada de consciência nos primeiros estágios de Saturno.

“Seria necessário afastar do pensamento tudo que pode ser percebido pelos sentidos, deve-se inclusive afastar o próprio mundo interior (...) Então se você quiser formar uma ideia da disposição da alma que o homem teria se tivesse tudo afastado da mente e permanecesse sozinho, não é possível dizer outra coisa além de que ele deveria aprender a sentir pavor e medo do vazio infinito ao seu redor.”

¹ Como os textos publicados no *General Archives* não possuem paginação, não é possível indicar a localização dos extratos dessa série de artigos.

“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 2)

É evidente que tal descrição é apenas hipotética, qualquer ser ao passar pelo estágio de consciência do Antigo Saturno está no nível mais baixo possível na escala evolutiva da consciência e, portanto, não será capaz de medo nem pavor, ou qualquer outro tipo de sentimento. Mas não deixa de ser uma imagem pictórica de algo que existe ainda hoje em nós, pois, como dito pouco acima, o que aconteceu no Antigo Saturno permanece vivo em nosso interior.

Não é por outro motivo que Steiner sempre alerta ao pretendente à iniciação cuidado ao mergulhar em seu próprio ser. À medida que nos aprofundamos no inconsciente e encontramos camadas mais primitivas de nossa consciência aproximamo-nos desse mundo onde não existe a vida interior tampouco a exterior. O alerta é feito em “A Ciência Oculta”, em “O Conhecimento dos Mundos Superiores”, em “A Filosofia Mística dos Séculos XIII ao XVII” e em vários outros textos e palestras. Esse é um ponto central nos ensinamentos de Steiner e, nesse momento, ele sempre remete ao Mistério do Gólgota. É que com os eventos ocorridos no Gólgota a Terra recebeu o impulso crístico e, desde então, pode o ser humano preencher-se com a coragem que pulsa neste impulso e o torna capaz de mergulhar para o mundo espiritual sem desintegra-se no vazio da não-existência. E, de acordo com Steiner, embora o Gólgota tenha ocorrido há apenas dois mil anos na Palestina, ou seja, com tempo e local marcados na História, tal impulso já flui ao ser humano há bilhões de anos, desde o Antigo Saturno. E devemos isso aos Tronos.

“Pense em você imerso num oceano – imerso como um ser espiritual, sentindo-se uno com o ser crístico – embora não num oceano de água, mas num oceano preenchido pelo espaço infinito, de coragem fluida, energia fluida (...) Nos tornamos (nesse mundo) familiarizados com seres que consistem em coragem (...) seres reais como o homem feito de carne, mas eles não são de carne, mas consistem em coragem. São dessa natureza os Espíritos da Vontade (...) É um mundo do qual não se pode dizer ser esférico, hexagonal ou quadrado (...) não é um oceano no qual se pode alcançar a superfície, mas em todos os lados e em todas as direções o que se encontra são Espíritos da Coragem ou da Vontade (Tronos).”

“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 2)

Trata-se de uma outra maneira, mais bela e poética, de descrever como da Trindade, da substância espiritual original que permeia o Universo, o ser humano se individualizou a partir do trabalho dos Tronos. Aqui, ao invés de calor, está descrito como esse fenômeno foi preenchido pela coragem. Coragem, vontade para se individualizar, se destacar da origem, do tecido espiritual universal, para se materializar na forma de calor, na forma de coragem, na forma de vontade. E fica clara a afirmação de que a criação do ser humano se deu a partir da vontade dos Tronos e que a vontade é um impulso que tem sua origem no Cristo. Atuaram os Tronos na primeira e mais primitiva forma de individualização humana por intermédio da vontade cósmica que fluiu através deles. Uma vontade recheada de coragem. Acredito não ser necessário repetir a “Oração para esta Era de Michael”, mas vale lembrar que ela está repleta de mensagens enaltecendo a coragem.

E, a partir de todo esse processo, surgiu o Tempo; o primeiro dos incorporais estóicos.

“Através do sacrifício feito pelos Espíritos da Vontade aos Querubins, nasceu o Tempo. Mas “Tempo” aqui não é o tempo abstrato do qual falamos usualmente, mas um ser independente. Devemos falar de algo como seres. Seres que nascem consistindo apenas em Tempo. São os Espíritos da Personalidade (Arqueus) (...) Em Saturno eles (os Arqueus) não são nada além de Tempo.”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 2)

Vimos como os Arqueus estão associados ao surgimento dos rudimentos primeiros do ego. Agora estamos relacionando-os ao nascimento do Tempo, são seres do Tempo. Em Saturno perfaziam os Arqueus sua etapa evolutiva humana, e a eles foi associado o Tempo. Necessariamente vamos precisar relacionar ego e Tempo. Parece lógico: foi só com o advento do ego na Lemúria que o ser humano se individualizou a partir da relação que o acorrentava às Hierarquias e pode tornar-se consciente do ambiente ao seu redor, consciente acerca do Tempo e de sua cronologia e autoconsciente de si mesmo. Em Saturno isso tem seu início com os Arqueus.

E para finalizar, todo esse trabalho, esse sacrifício, iniciado pelos Tronos em Saturno, a vontade manifesta na forma de coragem vai se materializar como calor.

“O que chamamos elemento calor em Saturno é como a fumaça sacrificial dos Tronos dando nascimento ao Tempo (...) Esse calor consiste no calor sacrificial oferecido pelos Espíritos da Vontade aos Querubins (...) Onde quer que se veja fogo, sempre que se perceber o calor, não devemos pensar da forma material como é usual hoje em dia. Mas sempre que o calor estiver presente devemos sentir que os fundamentos espirituais de nossa vida está presente (...) na forma do sacrifício dos Espíritos da Vontade aos Querubins. Apenas alcançamos essa verdade quando sabemos que por trás do calor há sacrifício.”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 2)

E com a verdade desse sacrifício incorporada em nossas almas entendo estar terminada a evolução do ser humano em Saturno. Uma bela história de vontade e coragem. Agora toda a existência entra em estágio de repouso, um pralaya, após a qual surgirá a nova encarnação planetária. Preparemos em nossas almas a vontade para embarcar rumo ao Antigo Sol.

A EVOLUÇÃO DO SER HUMANO NO ANTIGO SOL

Terminamos a evolução de Saturno concentrados no sacrifício dos Tronos. E sempre que se usa o termo sacrifício no contexto da Ciência Espiritual voltada para a evolução dos seres através das hierarquias faz-se referência necessariamente ao carma. E, na lógica do carma, todo sacrifício é um sacro-ofício. Um ofício, um labor, com finalidade sacra, cármica. Uma doação, portanto, de um ser no sentido da evolução cármica do Universo, doação que abrange a evolução de todos os seres. Mas, se em Saturno tudo se inicia no sacrifício dos Tronos aos Querubins, no Sol o evento primordial é de outra qualidade, o que ocorre é uma doação, doação dos Kyriotetes.

É fato notório que entre uma encarnação planetária e a seguinte há um período de repouso, o pralaya, um hiato no Tempo cósmico, um silêncio, após o qual o que terminou em germe na encarnação anterior vai revivificar e desabrochar na encarnação seguinte. Contudo, a vida renascida traz novas cores à existência, características renovadas para uma encarnação que emerge em um ambiente planetário distinto. E é assim que a primeira ronda do Sol se inicia com a repetição – embora colorida por outros tons – dos eventos ocorridos em Saturno. Nesses momentos que abrem o Antigo Sol não mais encontramos os Tronos, já terminaram seu trabalho em Saturno. Os seres que assumem a preponderância nas ações são os Kyriotetes, porém, ainda sob o efeito do

que experimentaram em Saturno. Vimos que a ação primordial dos Kyriotetes em Saturno foi expressar sua própria vida nos corpos calóricos sem vida que emergiram a partir do sacrifício dos Tronos aos Querubins. No Sol, vão retomar esse trabalho, no entanto, já evoluíram em relação ao Antigo Saturno quando habitavam o grau de consciência dos Arqueus. No Antigo Sol já são Espíritos da Forma, Exusiai – assim como foram os Tronos no Antigo Saturno –, estão em condições, agora, de não apenas vivificar o corpo calórico de fora, mas, a partir de sua própria vida, doar vida a esses corpos físicos primordiais.

Doação.

No Antigo Saturno a palavra chave é sacrifício. Sacrifício dos Tronos. No Antigo Sol a palavra é doação. Doação advinda dos Kyriotetes.

“A principal característica desses espíritos (Espíritos da Sabedoria. Kyriotetes) é a virtude da doação, de derramar adiante a graça (...) Esses são os Espíritos da Sabedoria, os grandes Doadores do Universo. Assim como chamamos os Tronos de grandes Sacrificadores, devemos dizer dos Espíritos da Sabedoria que eles são os grandes Doadores.”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 3)

E o que esses Kyriotetes, Espíritos da Sabedoria, vão doar ao ser humano em desenvolvimento, quando este é ainda apenas um corpo físico de calor sem vida, será justamente a vida na forma de um corpo etérico, também chamado, por esse motivo, de corpo vital. E a vida interior se inicia para o ser humano. E não nos esqueçamos ser esse impulso de vida, de luz, um impulso sofisticado.

Todos nós que praticamos a Medicina Antroposófica sabemos como esse momento é importantíssimo. Quase todas as nossas prescrições visam a vitalização do corpo etérico e o equilíbrio de sua interação com o corpo astral. No Antigo Sol está a origem dos processos fisiológicos e metabólicos característicos da ação do corpo etérico. Entretanto, como ressaltado no início, o objetivo deste estudo não é resumir toda “A Ciência Oculta”, mas encontrar os fundamentos ocultos no desenvolvimento do ego e do Eu. Assim, deixemos os extraordinários desenvolvimentos fisiológicos e metabólicos surgidos em germe no Antigo Sol a partir da instilação do corpo etérico no ser humano pelos Kyriotetes para outra oportunidade e concentremo-nos nas pistas que

nos levam aos germes do ego e do Eu. Até mesmo porque estes estão muito menos evidentes na obra de Steiner, enquanto os aspectos fisiológicos e metabólicos são descritos como muito mais clareza e objetividade.

No Antigo Sol temos então a emergência da vida enquanto tecido etérico para o ser humano. A substância física antes apenas calórica em Saturno começa a se densificar, a coagular, e do calor surge o ar. O ser humano agora tem um corpo físico formado não só de calor, mas também de ar. E sobre esse corpo físico passam a atuar os Espíritos do Movimento, os Dynamis. A partir de seu corpo astral, esses seres introduzem no corpo etérico humano o movimento, o que repercute no interior do corpo físico em algo comparável aos movimentos da seiva na planta atual. Formações calóricas difusas as quais se agregam as primeiras formas aéreas circulam num primeiro rudimento de vida interior. Após essa etapa, advém os Espíritos da Forma, os Exusiai. Esses seres vêm oferecer às formações gasosas uma forma mais definida, ao contrário da característica excessivamente mutante que possuíam quando sujeitas apenas à influência dinâmica dos Dymanis.

Observemos com a atenção essa interação entre os Dynamis e os Exusiai.

No Antigo Saturno, o trabalho desses seres culminou na constituição dos rudimentos da egoidade pelos Arqueus. Recordemos.

Os Kyriotetes fizeram sua própria vida refletir nos corpos calóricos individualizados pelos Tronos a partir da substância espiritual indiferenciada que constitui o Universo. Os Dynamis dotaram essa primeira formação calórica de movimento indiferenciado, trabalho ao qual se somou o dos Exusiai de individualizar essa formação física em movimento num corpo delimitado. Então, finalmente, os Arqueus produzem nesse corpo físico calórico agora dotado de delimitação em relação ao ambiente os rudimentos dos órgãos sensoriais. Com sua própria alma, passam a elaborar imagens através desses órgãos primitivos, e implementam no ser humano o primeiro vestígio de egoidade.

Agora, vemos todo esse processo se repetir no Sol, porém, com as características próprias deste estágio da evolução planetária. Os Kyriotetes, que em Saturno apenas instilaram sua própria vida ao corpo calórico sem vida, no Sol doam vida interior ao acrescentar ao corpo físico calórico um corpo etérico. Os Dymanis, que em Saturno ofereceram movimento aleatório ao calor, atuam no Sol trazendo movimento às novas formações aéreas. Os Exusiai dão forma a esse corpo físico calórico e gasoso, mas agora ao atuarem no corpo etérico recém-adquirido podem, como sabemos de nossa prática em Medicina Antroposófica, informar à matéria do corpo físico como essa

deve se constituir para formatar o organismo. E então vêm novamente os Arqueus para fazer o seu trabalho de desenvolver a egoidade no ser humano. Mas agora, estão mais evoluídos. No Antigo Saturno habitavam a consciência do Eu, a que é própria do ser humano terreno atual. No Antigo Sol já estão na etapa que só será possível a nós no Futuro Júpiter, a consciência imagética autoconsciente, própria dos Anjos atuais. Nesse grau de consciência é possível apreender em imagens não só o mundo sensorial ao redor, mas também os estados anímicos interiores dos seres com os quais travam contato.

“Daí é possível receber a influência do corpo etérico de um ente. Os Espíritos da Treva (Arqueus) o fazem com relação ao corpo etérico do homem. Eles lhe implantam agora o espírito da egoidade (independência e egoísmo), como já haviam feito com o corpo físico. Vê-se, pois, que o egoísmo foi implantado gradualmente, em todos os membros da entidade humana, por esses espíritos.”

(“A Crônica do Akasha” – pág. 122)

Mantemo-nos atentos ao trabalho dos Arqueus. Esses seres estão, ao longo de todo o desenvolvimento humano na cosmogênese, atuando para instilar em nosso ser os impulsos luciféricos na forma do ego.

Mas atentemos também aos Exusiai. Se em Saturno e no Sol foram discretos, sabemos que são eles que, na Lemúria, mostraram ao ser humano o caminho da luz que brilha da Trindade a partir do impulso crístico na forma do Eu. Por enquanto tiveram o trabalho de dar forma, uma formatação mais definida e individualizada do tecido espiritual exterior, ao corpo calórico em Saturno, e no Sol, por intermédio de ação no corpo etérico, aos corpos calórico e gaseiforme. Se no Sol seu trabalho não se distingue muito na multiplicidade de ações exercidas pelas Hierarquias, na Terra darão forma ao Eu como formação individual espiritual autoconsciente a partir da consciência espiritual universal; e esse Eu humano vai trabalhar o tecido anímico indiferenciado da alma e organizá-lo, dar forma, nas funções superiores do pensar, sentir e querer, a base anímica na qual se encaixa o espírito humano. E se podemos associar os rudimentos mais primitivos do querer ao Antigo Saturno, do sentir ao Antigo Sol e do pensar à Antiga Lua, é porque já estão, desde Saturno, Os Exusiai a trabalhar o impulso crístico nesses germes nos corpos físico, etérico e astral.

Portanto, temos os Arqueus, Espíritos da Personalidade, a trabalhar o ego nos corpos físico, etérico e astral respectivamente em Saturno, no Sol e na Lua; e os Exusiai, Espíritos da Forma, a trabalhar o Eu nos mesmos corpos e nas mesmas encarnações planetárias. Desse trabalho conjunto surgirão tanto a trimembração da alma na forma das almas da sensação, do intelecto e da consciência, como também as três atividades anímicas básicas do pensar, sentir e querer. E não custa também dizer que atma surge como embrião em Saturno, buddhi no Sol e manas na Lua. Então temos as estruturas mais básicas de uma alma que ainda não existe, que só tomará corpo realmente na Terra, formatadas desde Saturno; como também reconhecemos os membros espirituais futuros do ser humano germinando desde Saturno. Por sorte os estoicos no emprestaram seu conceito de *Kàta plátos*, o presente estendido, presente que dura no passado e no futuro. Que outra maneira teríamos para entender toda a complexa dinâmica exposta acima? Para dizer que o atma que estará ativo somente em Vulcano já poder ser encontrado desde Saturno? Não sabemos nada sobre as futuras encarnações planetárias que seguirão à Terra, mas podemos ter a certeza de encontrar esses mesmos seres atuando na complementação do desenvolver humano. Por ora, todavia, retornemos dessas divagações para perceber termos cumprido, por enquanto, nossa meta de encontrar no Antigo Saturno e no Antigo Sol os impulsos cósmico e luciférico que atuam através dos Exusiai e dos Arqueus na formação do Eu e do ego. Mas e Sophia?

Sophia, sabemos, é assunto muito mais oculto na obra de Steiner. Mas Ela também está lá. Basta saber onde procurar.

Sophia é a sabedoria que emana da Trindade na forma de luz. E matéria é luz condensada. Sophia está, portanto, implícita em tudo o que descrevemos aqui. Quando os Espíritos da Sabedoria, os Kyriotetes, instalam vida interior na criação originada da vontade dos Tronos, no sacro-ofício destes aos Querubins, temos resumida as emanções de Sophia e Cristo. Ele é a Vontade Universal, o *Logos*, que penetra a vida advinda da luz emanada por Ela. Sophia é a Luz Universal, *Physis*, que se coagula em matéria viva a partir da vontade emanada por Ele. Os Tronos são o instrumento de coragem por onde pulsa a Vontade Divina. Os Kyriotetes são o instrumento de sabedoria por onde flui a Luz Divina. No Antigo Sol, essa dinâmica vai se dar por uma particularidade que não foi possível no Antigo Saturno, uma novidade que advém da forma cármica como evolui o Universo.

Toda evolução implica na segregação de parte dos seres. Nem todos os seres evoluem ao grau hierárquico seguinte, parte deles permanece aprisionada na etapa

anterior. Assim, durante a evolução saturnina, nem todos os seres humanos foram capazes de perfazer as etapas necessárias para que no Antigo Sol pudessem receber um corpo etérico autônomo. Dessa forma, parte dessa substância calórica não desenvolvida adequadamente adquire uma existência independente entre os seres humanos que habitam o Sol. E assim como acontece com os humanos, esses atrasos evolutivos também ocorrem em todos os níveis hierárquicos e, por isso, alguns membros dos Arqueus também se atrasaram na passagem do Antigo Saturno para o Antigo Sol. Esses Arqueus que se desviaram vão continuar ligados às formações calóricas humanas que se atrasaram. No Sol, porém, não existem mais as condições necessárias para que esses Arqueus continuem a operar seu trabalho como faziam no Antigo Saturno. O que ocorre, então, é que esses seres desviantes e retardatários, Arqueus e humanos, se segregam do Sol e originam um corpo cósmico independente, o Novo Saturno.

Entretanto, outra parte daquelas formações calóricas humanas que não atingiram o grau correspondente à etapa solar, permanece associada aos corpos humanos em evolução e vão formar nestes um tipo de natureza inferior no interior da formação que se desenvolve adequadamente. Assim, no interior do ser humano solar permanece algo de saturnino.

É de extrema importância reter essa noção: a permanência no ser humano solar de características saturninas. Toda a evolução cósmica ocorre com a superposição de todas as etapas. Elas não simplesmente desaparecem, se transformam, se transmutam. Enquanto uma parte é segregada, outra mantém-se viva nas etapas futuras da evolução. Acontece no ser humano, e também na evolução da Terra. A fisiologia do organismo humano é rica em exemplos dessa verdade. Deixaremos, todavia, para esmiuçá-las em um futuro estudo. Aqui vamos ressaltar que esses processos embriônicos encontrados por nós para a emergência e o desenvolvimento do ego e do Eu permanecem vivos no ser humano da Terra atual. No Sol, parte desses resquícios saturninos foi segregada para outro corpo cósmico, enquanto parte permaneceu viva na evolução humana. E enquanto à porção eliminada mantiveram-se ligados os Arqueus que não evoluíram da autoconsciência do Eu para a consciência imagética autoconsciente (os Asuras), à porção que manteve-se ligada ao ser humano solar puderam se atrelar os Arcanjos, que em sua evolução normal atingiram no Sol o nível de autoconsciência do Eu.

“Assim como o corpo saturnino do homem possibilitou aos Espíritos da Personalidade (Arqueus) elevar-se ao nível humano (no Antigo Saturno), agora essa parte saturnina do homem oferece, no Sol, o mesmo aos Espíritos do Fogo (Arcanjos). Estes elevam-se ao nível humano fazendo suas forças fluir e refluir nessa parte saturnina do ser humano, tal qual fizeram os Espíritos da Personalidade em Saturno.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 133)

As condições são outras, o momento é outro, mas a dinâmica é a mesma: a partir da vontade dos Tronos individualiza-se matéria física na forma de um corpo de calor e, por intermédio da relação com esse corpo de origem saturnina, podem os seres que perfazem sua etapa evolutiva humana atingir o grau de autoconsciência do Eu, o nosso atual grau de consciência terrestre. Não é absurdo inferir que o mesmo acontecerá quando chegar a nossa hora.

Mas, por enquanto, não estamos na Terra, habitamos ainda o Antigo Sol. E no Sol somos seres com a consciência abafada, que vive um eterno estado de sono sem sonhos, inconsciente para tudo ao seu redor, similar ao atual reino vegetal, incapazes de perceber a grandeza dos eventos cósmicos aqui descritos. Já os Arcanjos estão evoluindo para a etapa humana. E nesse processo encontram as forças que fluem de Sophia, através da sabedoria dos Kyriotetes. E, como já foi dito, são esses espíritos caracterizados por sua capacidade de doação, os grandes Doadores do Universo.

Mas para haver doação, precisa também haver recepção.

Os seres que vão atuar na recepção do que doam os Kyriotetes são justamente os Arcanjos. No entanto, quando doam os Kyriotetes, logo na primeira ronda do ciclo solar, não estão ainda os Arcanjos aptos a receber. Nessa etapa ainda não alcançaram a autoconsciência do Eu que, como explicitado acima, só vai ocorrer na mesma época em que for segregado o Novo Saturno, o que ocorre da metade da quarta ronda em diante. Contudo a doação dos Kyriotetes dura no Tempo, permanece viva no presente estendido até que os Arcanjos estejam prontos para recebê-las. Todavia, eles não retêm em seu interior essa doação em forma de sabedoria, eles a refletem na forma de luz. Da mesma maneira que em Saturno o calor e também o fogo nada mais são que a expressão física (ilusória) do sacrifício dos Tronos que cria o Tempo na forma dos Arqueus, no Sol a luz e também o ar resumem a expressão física (ilusão) da doação dos Kyriotetes através dos Arcanjos. Mas se através dos Arqueus foi criado o Tempo

em Saturno, o que foi criado no Sol por intermédio da ação dos Kyriotetes sobre os Arcanjos? A resposta é o Espaço.

“Imaginemos os Espíritos da Sabedoria situados no centro do Sol absortos na contemplação da visão do sacrifício dos Tronos e, devido a essa visão, irradiam adiante seu próprio ser, e recebem-no refletido de volta da superfície como luz. (...) Seu próprio ser oferecido por esses Espíritos da Sabedoria se torna uma doação ao Macrocosmo e, quando irradia de volta, eles reencontram a si próprios provindos do exterior. Eles veem seu próprio ser interior espalhado pelo Cosmo – e refletido de volta como luz, como reflexo de seu próprio ser.”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 3)

Nessa passagem está posta a polaridade interior/exterior. O que emana (dos Kyriotetes) de um tempo anterior é refletido (pelos Arcanjos) num tempo posterior, e o anterior e o posterior se transformam em interior e exterior. Está criado o Espaço através da doação dos Kyriotetes e do trabalho posterior de reflexão dos Arcanjos. Um espaço ainda polar, bidimensional. Não há acima e abaixo, nem direita e esquerda, apenas interior e exterior. No entanto, está criado, a partir do Vazio (o segundo dos incorporais dos estóicos) o Espaço. Em Saturno foi criado o Tempo, no Sol o Espaço. Da Duração adveio o Tempo, do Vazio o Espaço².

Mas porque essas questões de aspirações filosóficas tão elevadas quanto duvidosas e obscuras são importantes para nossa questão acerca do Eu e do ego?

Tudo está conectado na grande dimensão cármica universal. E, como foi apresentado nos “Estudos Sobre As Manifestações do Carma”, na dimensão cármica não há o Tempo, apenas Duração. O que acontece no presente reflete tanto o passado como reflui do futuro. Viemos apresentando uma evolução da cosmogênese de forma linear no tempo porque nossa linguagem é limitada para desenvolvê-la de outra maneira. Mas devemos manter em mente que embora seja possível elaborar uma cronologia onde cada planeta ocupa seu lugar no Espaço e no Tempo – Saturno vem

² O Espaço, confesso, foi por mim extraído de forma algo destorcida do conceito do Vazio, esse sim um dos incorporais estóico. A licença filosófica que encarecidamente solicito a esses grandes pensadores da História é no intuito de conferir coerência ao texto. Tenho certeza de que não ofenderei os princípios estóicos nem o rigor de sua filosofia com essa ligeira tortuosidade conceitual. E agradeço desde já a generosidade com que me concedem essa licença.

antes do Sol, e este antes da Lua e sucessivamente até Vulcano –, tudo está, na verdade, acontecendo neste exato momento. Hoje estamos na Terra, os Arcanjos já estão em Vênus e os Arqueus em Vulcano, já os animais estão na Lua e os vegetais no Sol. Estamos falando de níveis de consciência que coexistem no Tempo e não de eventos astronômicos. Estes existem, e têm sua localização marcada num tempo cronológico, mas refletem apenas um aspecto limitado (maya) da expressão física do mundo espiritual. E o que flui, desde o início e até o fim, desde Saturno até Vulcano, e antes e também depois, é o impulso crístico, e sophístico. A Vontade de Cristo e a Sabedoria de Sophia são as verdades eternas do Universo. São atemporais, eternas, duram em todas as etapas da evolução cósmica. Repousemos por um momento em mais um pralaya, para reflorescer novamente na Lua. Que mistérios nos aguardam na Antiga Lua?

A EVOLUÇÃO DO SER HUMANO NA ANTIGA LUA

A Lua se inicia repetindo, nas primeiras e segunda rondas, as heranças do Antigo Saturno e do Antigo Sol quando ressurgem os corpos físico e etérico respectivamente; então, na terceira ronda, os Dynamis, Espíritos do Movimento, instilam a partir de sua própria natureza a astralidade que dará origem ao nosso corpo astral. E, seguindo a ordenação cósmica da evolução, as Hierarquias se sucedem, a cada nova encarnação planetária, na mesma dinâmica constitutiva do ser humano. Assim, na quarta ronda, encontramos os Exusiai a dar forma a esse corpo astral antes indiferenciado de maneira que ele possa cumprir suas posteriores funções de comandar o corpo etérico em suas tarefas plasmadoras.

Essas repetições da cosmogênese e do desenvolvimento humano já nos são conhecidas; enquanto em Saturno o corpo físico calórico surgiu a partir do elemento fogo e no Sol o corpo etérico está associado ao desenvolvimento do elemento ar, na Lua vemos surgir o corpo astral e o elemento água. Os membros constitutivos do ser humano se agregam na medida em que a matéria se coagula no sentido de sua densificação. E, se não estivéssemos nós na missão mais complicada de buscar a evolução do ego e do Eu através desse desenvolvimento, poderíamos até dizer já ter compreendido o processo de evolução descrito em “A Ciência Oculta” e em “A Crônica do Akasha”. Entretanto, olhemos novamente com cuidado para a ação dos Arqueus; estão esses seres, na quarta ronda lunar, após o evento inicial de termos recebido o corpo astral através do trabalho dos Dynamis, a nos insinuar a eguidade, o impulso luciférico.

Para que esse processo possa ocorrer é necessária a atuação conjunta de seres de várias hierarquias. Estamos já na Antiga Lua, os acontecimentos aqui são um tanto mais complexos daqueles ocorridos no Sol e em Saturno. Agora, o ser humano em formação precisa integrar o funcionamento dos corpos físico, etérico e astral em uma única corrente de desenvolvimento. Dessa forma, para ser possível aos Arqueus nos inocularem no corpo astral a egoidade – assim como fizeram sobre o corpo físico em Saturno e sobre o corpo etérico no Sol –, é preciso a atuação conjunta também das outras entidades hierárquicas sobre os corpos físico e etérico para que esses estejam amadurecidos o suficiente para receber o corpo astral. Assim, na primeira ronda lunar agem sobre o corpo físico os Dynamis, na segunda ronda os Exusiai, na terceira os Arqueus, na quarta os Arcanjos e na quinta os Anjos. Já sobre o corpo etérico vão atuar sucessivamente na primeira ronda os Kyriotetes, na segunda os Dynamis e depois, Exusiai, Arqueus e finalmente os Arcanjos. Então, quando o trabalho dos Arqueus de inocular a egoidade ao corpo astral humano estiver completo na quinta ronda, estarão também atuando sobre o corpo etérico os Arcanjos e sobre o corpo físico os Anjos. Trata-se de um trabalho complexo e conjunto onde seres de todas as hierarquias atuam simultaneamente e em sequência.

Ao olharmos para a dinâmica acima, constatamos que na terceira ronda lunar estão já os Dynamis, Espíritos do Movimento, livres para iniciar seu trabalho de instilação do corpo astral à entidade humana. Esse movimento oferecido pelos Dymanis deve ser entendido não na forma espacial física, mas principalmente sob processos de consciência. O que esses Espíritos do Movimento fazem afluir ao ser humano a partir de sua natureza não é exatamente o movimento cinético de seu corpo físico, mas os rudimentos da consciência imagética, onírica, característica da Antiga Lua.

“Pelo fato de os Espíritos do Movimento fazerem afluir o corpo astral ao ser humano, este adquire as primeiras qualidades anímicas. Os processos que se desenvolvem nele em virtude da posse de um corpo etérico, e que na evolução solar ainda eram processos vegetativos, começam a despertar sensações de prazer ou desagrado. No entanto, esses processos continuam sendo apenas um fluxo e refluxo interior alternado de prazer e desprazer.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 138)

Processos de prazer e desagrado, simpatia e antipatia, ainda muito ligados às qualidades do corpo etérico, da consciência etérica do Antigo Sol. Não são sentimentos anímicos como os conhecemos por intermédio de nossa autoconsciência terrena, mas um tipo de consciência ainda pouco descolada dos processos fisiológicos de fluxo e refluxo em movimento no interior do corpo etérico solar. No entanto, por adentrarem a dimensão do corpo astral, esses processos anímicos ganham qualidades de representação mental. Não são reproduções do mundo objetual exterior, mas potências advindas do exterior capazes de modelar o interior etérico do ser humano. Potências plasmadoras, e o ser humano assumia uma forma que reproduzia seus processos de consciência.

Esse trabalho de movimento perpetrado pelos Dynamis é o berço da consciência enquanto instrumento de relação com o mundo exterior. Se atribuirmos à consciência a função de percepção interativa dos objetos do mundo exterior, a capacidade representacional destes objetos, é aqui onde devemos marcar seus fundamentos. Ainda não há distinção consciente entre mundo interior e exterior, mas o ser humano é agora capaz de “escolher” a partir de estímulos anímicos externos. E os percebe como acontecimentos anímicos internos, a atuar diretamente sobre o corpo etérico, na forma de prazer/desprazer. Para aprimorar esse rudimento de consciência objetual atuam os Espíritos da Forma, Exusiai. Ao longo de Saturno e do Sol esses seres dotaram de individualização os corpos físico e etérico respectivamente. Na Lua farão o mesmo sobre o corpo astral. Ele vai se individualizar da massa anímica disforme e mutável de sentimentos de fluxo e refluxo ainda indiferenciado do mundo etérico e surgem as primeiras manifestações de “escolhas conscientes”. A forma lunar do ser humano, a partir do princípio de simpatia/antipatia, procura repetir experiências que lhe causaram prazer e evitar as que proporcionaram desprazer. Prazer/desprazer deve ser entendido aqui ainda sob as qualidades etéricas do que é saudável aos fluxos fisiológicos e o que é venenoso a esses fluxos.

Essa individualização oriunda dos Exusiai, no entanto, mantém ainda o ser humano sob o estreito domínio destes seres (como também farão ao mostrar-nos o Eu na Lemúria). Não desenvolve a qualidade da autonomia no ser humano, apenas permite que sua energia flua através dos citados fluxos e refluxos ainda mais fisiológico-etéricos que propriamente anímicos. Existe sim a capacidade de interação com o ambiente, mas numa forma muito rudimentar e totalmente dependente dos Exusiai. Não há a dimensão psíquica que sente e processa tais percepções sensoriais em sensações, não existe um aparato físico-psíquico capaz de exercer tais funções nem órgãos sensoriais prontos para essa finalidade. É só na ronda seguinte que os Anjos irão aperfeiçoar os

rudimentos de nossos órgãos sensórios em desenvolvimento desde Saturno e vão poder se utilizar destes para travar contato com o ambiente exterior lunar. Nesse momento, o ser humano irá alcançar o pleno desenvolvimento de sua consciência imagética e os Anjos terão atingido a dimensão humana em sua evolução. Steiner descreve essa consciência imagética na forma do símbolo. Por mais que essa descrição possa trazer dúvida e crítica àqueles mais inteirados aos conceitos psicanalíticos, é preciso dar-lhe alguma razão.

“Na atualidade, no âmbito da evolução terrestre, a representação mental é uma cópia de seu objeto; por exemplo a representação mental “mesa” é uma cópia da própria mesa. Isso não se dá na consciência lunar. Imagine-se, por exemplo, que o homem lunar se aproxime de uma coisa lunar que lhe seja simpática ou vantajosa. Então no interior de sua alma desponta uma imagem colorida de aspecto claro; se alguma coisa prejudicial ou antipática se lhe aproxima, ele vê uma imagem feia e escura. A representação mental não é uma cópia, porém, um símbolo do objeto (...) Por conseguinte, o ente que faz essa representação mental pode regular sua vida de acordo com ela.”

(“A Crônica do Akasha” – pág. 127)

Ao ler essas descrições da consciência humana lunar imagino seres unicelulares terrenos. Não sei como percebem seu mundo exterior, se produzem algum tipo de imagem anímica, mas penso, por exemplo, na ameba. A ameba é capaz de conhecer o meio a ela exterior e interagir com ele: aproxima-se e fagocita o alimento num estímulo de simpatia; afasta-se de uma toxina ao percebê-la antipática.

Quanto ao ser humano, nesse grau de consciência capaz de simpatia e antipatia, atinge na Lua o clímax de sua evolução e as rondas posteriores serão marcadas pela preparação para a encarnação planetária seguinte, a Terra. Mas como de um ser totalmente dependente e que apenas metaboliza na forma de um rudimento anímico de sentido o que se passa em seu interior etérico evolui o ser humano para um ser capaz de perceber em seu interior anímico imagens de seres externos? A essa altura de nossos estudos é fácil desconfiar da resposta: é preciso algum tipo primitivo de ego. Para encontrar seus fundamentos na Antiga Lua é necessário olharmos mais atentamente para as características sutis do fenômeno da evolução.

Já estamos acostumados ao fato de que toda evolução comporta necessariamente a exclusão de seres que não alcançaram a maturidade necessária para passar à etapa seguinte da cadeia evolutiva. No processo de evolução, uma essência independente se separa da vida circundante, então, essa essência é impregnada pelo ambiente como que por reflexo, e adquire as qualidades necessárias para evoluir independentemente.

No entanto, paralelamente a esse processo, digamos, normal e linear da evolução, existe também aspectos obscuros que fazem com que parte desses seres se desviem do caminho esperado. Na Lua, ao lado do ser humano, vamos encontrar seres que se atrasaram e foram como que ejetados da linha evolutiva do Anthropos. São seres minerovegetais e vegetoanimais que coabitam a Lua ao lado do ser humano. Esses seres se atrasaram em sua evolução de acordo com o processo evolutivo normal descrito acima. Mas existe também uma outra linha de seres desviantes que identificamos antes como pertencentes ao impulso luciférico. Seres que tomam rumos aberrantes em relação à encarnação planetária. No Antigo Saturno foram os seres asurícos, no Antigo Sol os ahrimânicos. Na Antiga Lua serão denominados seres luciféricos. Vejamos se conseguimos encontrar sua pista.

No Antigo Saturno dissemos que o evento primordial é o sacrifício dos Tronos aos Querubins. Porém, o que faltou dizer é que nem todos os Querubins aceitam tal sacrifício; parte deles o rejeita, o renuncia. Renúncia será o termo marcante da Antiga Lua.

Em Saturno, quando os Querubins aceitam o sacrifício dos Tronos forma-se o ambiente favorável para a eclosão do ser humano na forma de corpo físico calórico. O calor é a manifestação no mundo físico (maya) desse evento cósmico espiritual. E na relação com os Arqueus, que a essa época perfazem sua etapa evolutiva humana, forma-se o Tempo. Parte dos Arqueus conclui a aquisição da consciência humana, parte se desvia e origina aos seres que chamamos de asúricos. Paralelamente, parte dos Querubins renuncia o sacrifício dos Tronos e, como consequência dessa renúncia, se colocam fora da evolução cósmica “normal”, se colocam fora do Tempo. Habitam a Duração e dessa forma ganham a Eternidade.

Dúvidas muitas surgem em nossas mentes limitadas e incapazes de apreender a verdade inscrita nesses fatos cósmicos tão elevados. O que acontece a esses Querubins que se desviam da linha do Tempo não nos é dado saber. Mistérios. Mas sabemos que essa renúncia, o sacrifício dos Tronos rejeitado pelos Querubins, esse fenômeno cósmico primordial, permanece como fator a influenciar os seres

hierarquicamente inferiores em evolução. Tal fenômeno ocorreu em Saturno, mas na Lua ainda está presente. Lembremo-nos mais uma vez: como o Tempo emerge da Duração ele mantém em si algo que dura, trata-se do conceito estóico de *Katà plátos*, presente estendido. Assim, a renúncia ocorrida em Saturno e que levou Arqueus a se desviarem para Asura, permanece atuante no Sol e leva Arcanjos a se desviarem para Ahrimã e na Lua, portanto, levará Anjos a se desviarem a Lúcifer.

Parece que encontramos, na renúncia dos Querubins ao sacrifício dos Tronos, a origem do impulso que resumimos como luciférico. E se estamos localizando-o no Antigo Saturno é apenas porque só podemos segui-lo até lá, até onde é permitido à consciência humana enxergar. Mas não pode mais nos ser difícil inferir que tal impulso pertence à ordem da evolução cármica do Universo: aconteceu antes de Saturno, acontecerá depois de Vulcano e, sob a ótica da Duração que marca os fenômenos cármicos, é evento eternamente presente no Universo. E se aconteceu em Saturno sobre os Arqueus, no Sol sobre os Arcanjos e na Lua sobre os Anjos, obrigatoriamente devemos concluir que exerce forte efeito sobre nós nesse exato momento na Terra.

Arrepios.

A eterna renúncia produz em nós impulsos que nos levam a desviarmo-nos da linha evolutiva do Anthropos. Parte de nós permanecerá no grau de consciência da Terra, não embarcará no próximo pralaya rumo ao Futuro Júpiter.

Mais arrepios!

Mas é dessa forma que corre a evolução. Parte dos seres se atrasa em sua linha evolutiva; na Terra atual são os animais, vegetais e minerais. Outra parte se desvia; na Terra são Asura, Ahrimã e Lúcifer. E agora, na Terra, esses seres luciféricos que, na Lua, se desviaram dos Anjos estão a atuar sobre nós. E aqui cabe importante ressalva: o que tradicionalmente nos meios esotéricos e antroposóficos se define como o Mal se origina na necessidade evolutiva de seres que trilham o caminho do Bem. O Mal advém de uma necessidade do Bem. Se todos os Querubins houvessem aceitado o sacrifício oferecido pelos Tronos nunca haveria o Mal. Mas parte dos Querubins precisou renunciar ao sacrifício para alcançar a Eternidade – seja lá o que isso signifique! – e dessa renúncia surgiu o impulso luciférico, que através das leis da Duração atuará ao longo de toda a evolução cármica Universal.

“Se os deuses não houvessem renunciado ao sacrifício, os seres nunca poderiam se opor a Eles (...) Se apenas fossemos criando como descrito de Saturno para o Sol

nunca haveriam seres livres capazes de agir por sua própria iniciativa (...) Assim, vemos que não devemos olhar para a origem do Demônio nos chamados seres demoníacos, mas nos seres bons.”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 4)

Essas evidências obrigam-nos concluir ser a renúncia, e a conseqüente origem do Mal, oriundas do impulso crístico. Sim, vimos como o sacrifício dos Tronos aos Querubins se inicia na vontade que emana da Trindade. Vontade associada ao impulso de Cristo. Vontade que emana via Espíritos da Coragem, como também nomeou Steiner os Tronos. Na Vontade que pulsa do Cristo, portanto, encontramos a origem do impulso luciférico.

Essa verdade faz-me lembrar que nas tradições esotéricas comumente se representa Lúcifer associado ao Cristo. Algumas vezes como seu concorrente: no mito gnóstico maniqueu, ao qual já aludimos tantas vezes, concorrente na disputa pelo amor de Sophia. Na Bíblia está mais explicitamente colocado como a Besta, o adversário de Cristo, o inimigo a ser derrotado. Já em outras tradições encontramos Lúcifer até mesmo como irmão de Cristo. Mas, não importa qual seja a mitologia a qual recorrarmos, a verdade – ao menos na verdade como contada por Steiner – é que os seres luciféricos desviados a partir dos Anjos na Lua são uma necessidade cármica tanto para Querubins como também para os seres humanos.

Mas, não percamos o foco. Estamos aqui a divagar sobre esses altos eventos cósmicos para seguir a pista que nos leva à formação do ego humano.

Depois de finalmente termos encontrado a raiz do impulso luciférico nas lonjuras do Antigo Saturno, e de termos localizado-o na Antiga Lua, precisamos agora terminar a compreensão de como, a partir desses eventos, se forma o embrião do ego.

Entendemos já como os Espíritos do Movimento, os Dynamis, incutiram os primórdios do corpo astral no ser humano em formação; e também como os Espíritos da Forma, os Exusiai, dotaram de individuação essa astralidade primordial. Essa individuação do corpo astral em relação a substância anímica cria no ser humano as primeiras manifestações de prazer e desprazer, de simpatia e antipatia ligadas às funções fisiológicas etéricas.

Se ficássemos apenas nessa etapa de nossa evolução, jamais alcançaríamos qualquer tipo de individuação da consciência. Viveríamos eternamente na dependência

dos Exusiai. Mas na Lua o ser humano já é capaz de desenvolver também um atributo novo, um novo corpo que emerge da relação do corpo astral com esse impulso espiritual maior que emana das hierarquias mais altas.

A renúncia dos Querubins em Saturno, na verdade, dos seres que ocupam em Saturno o nível de consciência dos Dynamis, permanece disponível para toda a eternidade, dura por toda a evolução cósmica. E, a cada nova encarnação planetária, a situação se repete. Na encarnação lunar, Steiner mostra como esse fenômeno de cunho espiritual se expressa no mundo físico material dos corpos celestes através da cisão da Lua.

Na terceira ronda lunar, quando os Exusiai exercem sua ação sobre o ser humano ocorre concomitantemente a separação da Lua em dois corpos cósmicos distintos. Num deles se estabelecem entidades hierarquicamente superiores. No outro habitam os seres humanos, os seres que se atrasaram a partir da evolução humana normal e também seres de hierarquias superiores à humana, mas não tão altas assim. Os Exusiai, por exemplo, permanecem nesse corpo cósmico que será chamado de Antiga Lua, um planeta. Já o outro astro onde estão seres mais elevados constituirá a estrela nomeada Novo Sol. Baseado em estudos da biografia humana é possível compreender essa verdade: a partir da esfera do Sol habitam apenas seres evoluídos além da segunda hierarquia. Os Exusiai, na Lua, são ainda Arqueus, não alcançaram, portanto, a segunda hierarquia, são seres infrassolares.

Do Novo Sol, esses seres superiores encontram condições bem mais favoráveis para exercer sua influência sobre os seres lunares. É que na Lua, o elemento água surgido a partir da renúncia dos Querubins torna o ambiente mais denso e desfavorável para a evolução dessas entidades. No Novo Sol encontram-se em uma atmosfera onde existe apenas o calor e o ar, e assim podem seguir em seu ciclo evolutivo e, de lá, emanar suas influências para os seres que permaneceram no astro que chamamos de Antiga Lua (que deve ser compreendida não como objeto astronômico que atualmente chamamos de Lua, mas como um corpo planetário que comporta a atual Terra ainda unida à atual Lua).

Esses drásticos eventos astronômicos são a expressão dos acontecimentos do mundo espiritual. A renúncia é o fenômeno espiritual que os determina. E pela renúncia se manifesta a água no mundo físico e se criam as condições para o desenvolvimento do corpo astral humano. Mas o que acontece com o objeto da renúncia dos Querubins? Qual o destino desse sacrifício renunciado?

“Certas entidades, adaptadas ao corpo lunar, apoderam-se do elemento volitivo à disposição – a herança dos Tronos – e com isso desenvolvem uma vida própria, que se estrutura independentemente da vida solar. Ao lado das experiências da Lua, submetidas unicamente à influência solar, surgem experiências lunares independentes, algo como estados de sublevação ou rebelião aos seres solares.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 141)

Duas influências distintas atuam sobre o ser humano que experimenta, acompanhando os fenômenos macrocósmicos, um tipo também de cisão: a porção de consciência impregnada pelos seres solares apenas refletia suas potências; a porção sublevada sob a ação de seres definidos por Steiner como autossuficientes – seres que recolhem a renúncia à disposição no ambiente lunar e a utilizam em sua própria evolução – vive em estados mais independentes e individualizados, mais entregue aos fenômenos de seu próprio interior consciente, primeiros vestígios de egoísmo.

“Devido a rejeição do sacrifício durante a fase de evolução vêm à existência seres que devemos designar como seres cujos desejos foram reprimidos. (...) Nós precisamos olhar para o que vive nesses seres como herança, para o que foi derramado como novidade na evolução do Universo. Vemos o egoísmo reluzindo em sua forma mais tênue, como uma saudade, e podemos também percebê-lo escorregando para dentro da evolução do Universo. Assim, vemos como seres devotados apenas a si-próprios para sua própria natureza egóica, são condenados a um desenvolvimento unilateral, para viverem apenas em si mesmos.”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 5)

Esses seres autossuficientes já entendemos, só podem ser os seres luciféricos.

Nesse ponto da evolução lunar, está o ser humano submetido à influência dos seres solares que, a partir do Novo Sol, comandam sua natureza, enquanto os Exusiai modelam sua existência individual às condições da Lua. E teria o ser humano permanecido assim, como mera imagem do Sol, se os seres luciféricos definidos como autossuficientes não tivessem entrado também em sua dinâmica evolutiva. Mas para que isso pudesse acontecer foi preciso que antes os Dynamis exercessem sua ação de impor movimento ao sistema Sol-Lua recém-criado.

Mais uma vez, devemos entender os eventos astronômicos físicos como expressão material dos fenômenos espirituais. Em analogia a esse movimento físico impulsionado pelos Dynamis pôde o ser humano alternar seus estados de consciência e daí derivam todos os fenômenos rítmicos que regulam seu organismo fisiológico e metabólico hoje na Terra. Mas isso deixaremos para outro estudo, aqui vamos nos concentrar no fato de que essa influência dos Dynamis sobre a consciência humana criou ritmos que se alternam como a polaridades morte/vida e noite/dia de forma que está o ser humano ora sob a influência do astro Sol, ora recolhido dessa influência e retirado para uma vida mais interior e autônoma: quando submetido ao Sol e à influência dos seres que o habitam vive num estado de consciência dissolvido no todo universal espiritual; quando entregue à influência dos seres autossuficientes – os seres luciféricos, os seres lunares dissidentes que lhe inculcam uma forma primitiva de eguidade a partir do elemento água – vive relativa autonomia em relação aos seres solares e pode se voltar mais ao seu próprio interior.

Esses movimentos de consciência postos em ação pelos Dynamis possuem também seu reflexo, sua expressão, no mundo material astronômico. Vamos encontrá-lo sob a forma do movimento rotatório da Lua, que ora expõe uma de suas faces ao Sol, ora a outra. E nessa dinâmica vive o ser humano em estados alternados de consciência; quando a face lunar que habita está voltada ao Sol sua consciência torna-se mais obscurecida e menos individuada, quando está esta face lunar protegida do Sol, vive o ser humano de forma mais desperta e autônoma. Através desse movimento rotatório físico que expressa os fenômenos de consciência, criam os Dynamis mudanças na posição do astro Lua. Essas mudanças de posição no Espaço podem ser definidas como um lugar que o astro, e também os seres que o habitam, ocupa no Espaço. Está criado dessa maneira o terceiro dos quatro incorporais dos estóicos. Ao Tempo surgido em Saturno e ao Espaço no Sol, cria-se agora o Lugar na Lua.

Ao habitar um lugar específico no astro Lua que ocupa um espaço no Universo e tem sua evolução marcada pelo tempo, o ser humano está a se aproximar de uma consciência cada vez mais desperta. Entretanto, trata-se ainda de uma forma abafada de consciência, apenas imagética e não-racional, como sabemos, e totalmente submetida aos efeitos do ambiente. Não possui ainda autonomia e sua individuação é bastante rudimentar. Quando voltada para o Sol, por exemplo, abandona-se à sua influência revitalizante e reflete a harmonia espiritual universal, quando entregue às influências lunares vive numa consciência imagética na qual pode perceber o ambiente numa forma abafada que reage à polaridade simpatia/antipatia sem, entretanto, autonomia cognitiva para acordar para o mundo exterior. Não percebe os objetos

exteriores, apenas a imagem anímica desses na forma de simpatia ou antipatia. Seu contato com esse ambiente externo ocorre por intermédio dos Anjos. Como já foi dito, os Anjos servem-se dos órgãos dos sentidos humanos em desenvolvimento para alcançarem a autoconsciência do Eu. E os seres humanos habitantes da Lua sentem-se, através de seus sentidos, ligados a esse Eu. Eles vivem em grupos, e cada um desses grupos humanos vivencia um Anjo como seu Eu-grupal. E essa ação angelical é fundamental na futura individuação do Eu humano a partir desse Eu-grupal primitivo. Já ilustramos, mais de uma vez ao longo desse texto, como nossa evolução e a dos Anjos, nossos primos mais próximos, está íntima e inapelavelmente interligada. Mostrarei, mais à frente, o fundamental papel que os Anjos exercem sobre a alma da consciência no momento atual em que vive a Humanidade.

E vamos chegando ao final da evolução humana na Antiga Lua. Os Arqueus atuaram sobre o corpo astral e, assim como fizeram sobre o corpo físico em Saturno e sobre o corpo etérico no Sol, conferiram a ele alguma autonomia. Os Arcanjos realizam o mesmo processo sobre o corpo etérico na Lua, o que vai criar os primeiros rudimentos de memória fisiológica – assunto que não vamos explorar nessa oportunidade. Os Anjos alcançam seu estado evolutivo humano e desenvolvem em nós a capacidade de os órgãos dos sentidos localizados no corpo físico começarem a estabelecer os primeiros contatos anímicos com o mundo exterior. É sobre essa base física-material, que se converterá na Terra em cérebro, que os seres luciféricos irão finalmente assentar o ego durante a Lemúria.

Mas agora a Lua se aproxima de mais um pralaya. E em seu movimento de recolhimento em direção ao silêncio, o Sol novamente se funde ao corpo da Lua, e os seres solares assumem mais uma vez a direção dos acontecimentos. A alternância de consciência do ser humano, como descrito acima, vai se apagando, o ambiente torna-se novamente mais anímico-espiritual e todos os seres que o habitam são impregnados pela influência dos Espíritos da Sabedoria, os Kyriotetes. Sobre o ser humano essa influência faz desenvolver nos corpos etérico e astral os primórdios das almas do intelecto e da sensação que irão se desenvolver plenamente na Terra. O ser humano adormece no pralaya envolto por essa doação de sabedoria, sabedoria que emana diretamente de Sophia. E é por isso que esses eventos finais emprestam à Lua a alcunha de Cosmo da Sabedoria. Agora, envoltos por esse ambiente pleno de luz podem, os seres lunares repousar até a próxima encarnação planetária quando acordarão do pralaya na Terra como a conhecemos hoje.

A EVOLUÇÃO DO SER HUMANO NA TERRA

É chegada a hora de, finalmente, serem integrados ao ser humano tanto o Eu como o Ego. E a pista já nos foi dada ao longo da evolução descrita nas três etapas anteriores: o Eu será oferta dos Exusiai, os Espíritos da Forma, por seu intermédio se derrama o impulso crístico; o ego será formado a partir da ação do impulso luciférico que incide sobre os Arqueus, não por outro motivo chamados por Steiner de Espíritos da Personalidade.

“Na Terra o homem se tornou um ser anímico individualizado. Seu corpo astral que lhe havia sido infundido na Lua pelos Espíritos do Movimento, articulou-se na Terra em alma da sensação, alma do intelecto e alma da consciência. E quando sua alma da consciência havia progredido o suficiente para modelar, durante a vida terrestre, um corpo apropriado, os Espíritos da Forma agraciaram-no com a centelha de seu fogo. O Eu se incandesceu nele.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 177)

“Da espécie humana-animal una desenvolveu-se duas classes de seres: uma permaneceu no grau de animalidade e a outra, pelo contrário, sofreu uma divisão do corpo astral em duas partes – uma parte inferior que continua a ser portadora dos afetos e uma parte superior que adquire um certo domínio sobre os membros inferiores, isto é, sobre o corpo físico, o corpo etérico e o corpo astral inferior. Então os Espíritos da Personalidade se apossam desse corpo astral superior e lhe infundem a independência, e decorrentemente também o egoísmo.”

(“A Crônica do Akasha” – págs. 136 e 137)

Pronto. Estão criados o Eu e o ego.

Mas esses movimentos acima explicitados são por demais simplórios para esses acontecimentos de importância tão crucial para o desenvolvimento do ser humano como o conhecemos hoje. Cabe-nos espremer-lhes os detalhes.

Em primeiro lugar, é preciso equivocarse uma das afirmações do primeiro extrato. Lá está dito que os Exusiai assentaram o Eu sobre a alma da consciência já suficientemente madura para tal. Ora, o próprio Steiner nos indica que a alma da

consciência é porção da alma que estamos a desenvolver nesse exato momento de nossa evolução, enquanto eu escrevo esse texto e você o lê. É conquista recente, iniciada no século XV com a Renascença, e será objeto de evolução ao longo de todo esse milênio e parte do próximo. Como pode um evento localizado na Lemúria se basear no desenvolvimento da alma da consciência? É que não devemos nos esquecer do fato de a cosmogênese, e por consequência a evolução humana, ocorrer não na forma linear como a descrevemos por uma limitação linguística. A evolução não transcorre na lógica racional do tempo cronológico, mas sob as leis da Duração, do presente estendido estóico, *Katà plátos*, o tempo esticado para que um evento passado dure no momento presente, assim como também dure, no mesmo presente, eventos futuros. Recordemos como nos últimos acontecimentos lunares, sob efeito da doação de sabedoria pelos Kyriotetes, se desenvolvem nos corpos etérico e astral os primórdios das almas do intelecto e da sensação. Essas estruturas anímicas da alma alcançarão sua plenitude na Terra. Mas para a alma da consciência fizeram-se necessários acontecimentos mais massivos.

Da mesma maneira que durante a Antiga Lua o Sol se separou desta, o mesmo fenômeno ocorreu na Terra. Devido a progressiva condensação da matéria ao longo da evolução terrena – e repetindo o evento ocorrido na Lua, quando esta matéria se condensa até o elemento água – parte dos seres migra para o astro que será o Sol e, de lá, passa a influenciar o desenvolvimento humano. Imitando os acontecimentos da Antiga Lua, a partir do calor, transformações no corpo astral humano levam à germinação dos rudimentos do que será a alma da sensação. Aqui há o trabalho dos Arqueus. A partir da influência do elemento ar e dos Arcanjos sobre o corpo etérico, separa-se do corpo astral o que dará origem à alma do intelecto. Esses eventos ocorreram antes da aludida separação do Sol; e foi apenas após esse acontecimento, no contexto da formação do elemento água, que desenvolve o ser humano os rudimentos da alma da consciência sobre a qual se apoiará o Eu. Para formar os primórdios da alma da consciência, atuam os Anjos. E continuam eles a atuar até hoje através dela com importantes implicações sobre o futuro da Humanidade. Retornaremos ao tema.

Antes é importante ressaltar que se, por um lado, podemos associar a depuração da alma da sensação a partir do corpo astral, a origem da alma do intelecto através do trabalho sobre o corpo etérico e a raiz da alma da consciência no corpo físico, por outro lado, não devemos nos esquecer que todos esses processos ocorrem no interior da alma, portanto, no seio anímico do ser humano. É que nesses estados primordiais da Terra, nas primeiras rondas antes da separação do Sol, não só o corpo astral, como também

os corpos etérico e físico, se originam do material anímico primordial. Trata-se da repetição do ocorrido no Antigo Saturno, porém, agora, num mergulho a desenvolvimentos mais profundos.

E após a separação do Sol, reprodução do evento ocorrido na Antiga Lua, o desenvolvimento da Terra segue seu fluxo com a incorporação do elemento terra. Essa densificação ainda maior da matéria trouxe condições extremamente ressequidas ao ambiente terrestre, o que teria inviabilizado a continuação do desenvolvimento humano não fosse o acontecimento de novo evento espiritual, marcado no mundo físico astronômico pela separação da Lua. A partir daí, puderam os seres humanos evoluir para receber o Eu.

No entanto, no período entre as separações do Sol e da Lua, houve um momento crítico de ameaça.

Neste período, já vivia a alma humana sobre a influência dupla da polaridade dia/noite. O movimento de rotação da Terra em relação ao Sol expunha ora uma face aos efeitos do astro, ora protegia-a destes. Já sabemos que esses fenômenos físicos astronômicos nada mais são que a expressão material de acontecimentos espirituais. O ser humano, sob o aspecto da consciência, vivenciava períodos em que sua alma era extirpada do corpo físico devido à influência dos seres solares. Vivia então a alma completamente absorta no mundo anímico-espiritual – é o que hoje podemos comparar, de uma forma obviamente apenas aproximada, ao estado de sono, ou mesmo ao período entre a morte e o novo nascimento. E havia também, o período em que a alma se entregava à vivência do corpo físico encarnado, experimentava as influências da Terra.

Entretanto, à medida que o ambiente terrestre se condensava cada vez mais com a incorporação do elemento terra, as condições foram se tornando mais hostis ao desenvolvimento humano. Após retornar do período de influência solar, as almas encontravam corpos físicos demasiado densos e ressequidos, impróprios para acolhê-las. Esse problema foi finalmente resolvido com a separação da Lua, quando então a ecologia terrestre se tornou não tão intensa e acelerada em sua eternidade como sob a influência das forças solares nem tão densa e endurecida quando submetida às forças lunares. A Terra finalmente alcançou um equilíbrio favorável à incorporação do Eu pelo ser humano. Porém, um tempo perigosamente longo se estendeu entre o afastamento dos dois astros, o que ameaçou a continuidade da evolução humana. Fez-se necessário que as almas humanas encontrassem um local no cosmo onde se refugiar das condições hostis da Terra antes da separação da Lua. Na Terra permaneceram apenas

as almas mais endurecidas, que deram origem ao reino animal atual. Já as almas que seguiram a linha evolutiva do Anthropos foram guiadas para fora, na intenção de serem protegidas, até que se completasse a separação da Lua. E quem fez o trabalho de guiar o Anthropos foi Lúcifer.

O trecho lá acima extraído de “As Crônicas do Akasha” (página 48) reproduz esse momento, embora não cite a ação de Lúcifer. Em “As Manifestações do Carma”, contudo, Steiner é bastante claro.

“Aí temos exatamente o processo em que abandonamos abaixo de nós certas entidades (os futuros animais atuais) para podermos encontrar a possibilidade de nós mesmos subirmos a um nível superior. Para elevar-nos tivemos de emigrar para outros planetas e deixar nossos corpos deteriorarem-se lá embaixo. (...) Podemos perguntar-nos: como tivemos a possibilidade de abandonar a Terra durante o período crítico? (...) As entidades luciféricas eram nossos guias, que no período crítico nos afastaram do desenvolvimento terrestre. (...) Se eles, naquela época, não nos houvessem retirado da Terra, teríamos permanecido sempre presos ao organismo então criado por nós, podendo hoje, no máximo, pairar sobre nossa forma física sem nunca poder habitá-la. Assim, os seres luciféricos levaram-nos para longe e ligaram seu próprio ser ao nosso.”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 48)

É extensamente conhecido que devemos o ego também a Lúcifer. E isso costuma ser lido sob seu aspecto demoníaco, o que tanto neste texto sobre o desenvolvimento do ego e do Eu como em “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” procuro relativizar. No trecho acima, está muito claro que, para além do ego, devemos também a Lúcifer a possibilidade de termos incorporado o Eu. Não fosse por seu ato de guiar-nos para fora do ambiente terrestre, teríamos sucumbido à ecologia hostil de antes da separação da Lua e seríamos como os animais atuais. Devemos ser gratos a Lúcifer por termos alcançado a consciência do Eu terrena. Então, podemos observar que se os Exusiai são os emissários que nos mostraram o caminho para o Eu e os Arqueus atuaram sobre o corpo astral superior no intuito de transformá-lo numa estrutura capaz de abrigar o ego, nada disso seria possível sem o labor de Lúcifer.

Para entendermos mais profundamente esse processo, o cerne dessa nossa discussão, precisamos retornar àquele trecho extraído de “As Crônicas do Akasha”

(página 48), vale perceber que o Anthropos advém da Antiga Lua na forma de um ser humano-animal e que, na terceira ronda da Terra, na Lemúria, parte dos seres permanecem no grau da animalidade enquanto outros sofrem a cisão do corpo astral em inferior e superior. É aqui que intervém Lúcifer. Porque se em “As Manifestações do Carma” Steiner descreve este importantíssimo período de nosso desenvolvimento sob a ótica material astronômica (“tivemos de emigrar para outros planetas e deixar nossos corpos deteriorarem-se lá embaixo”), em “As Crônicas do Akasha” o relato centra-se no desenvolvimento da consciência (“Da espécie humana-animal una desenvolveu-se duas classes de seres: uma permaneceu no grau de animalidade e a outra, pelo contrário, sofreu uma divisão do corpo astral em duas partes – uma parte inferior que continua a ser portadora dos afetos e uma parte superior que adquire um certo domínio sobre os membros inferiores”). No fim das contas, foi Lúcifer quem determinou quais almas permaneceriam na trilha do Anthropos – e empreenderiam uma viagem astral para fora da Terra até ser concluído o evento da separação da Lua, uma jornada através do desenvolvimento da consciência – e quais se degenerariam em animais e permaneceriam na Terra. Só então, após o trabalho de Lúcifer puderam atuar os Arqueus e incutir aos corpos astrais superiores das almas que haviam se afastado e depois retornado à Terra a egoidade. E é importante perceber que o que nos distingue dos animais, em um primeiro momento, não foi o advento do Eu, mas o corpo astral superior a partir do qual os Arqueus puderam desenvolver a egoidade. E para deixar esse excesso de descrições para o ego conceitualmente claro – já que Steiner se contorce e se desdobra em criatividade para evitar o termo – é preciso ser dito que esse corpo astral superior é a mesma coisa que antes, em uma passagem extraída de “As Manifestações do Carma” e citada logo no início deste texto (página 8), foi chamada de eu inferior; ambos são formas de nomear o ego.

Estamos acostumados a hipervalorizar o advento do Eu como o fenômeno que nos constitui humanos. E, em certa medida, isso não está errado. Mas é preciso também reconhecer que o advento do ego é fenômeno crucial nessa dinâmica. Não haveria ser humano sem a cisão original entre corpo astral inferior e superior, sem que Lúcifer nos guiasse para fora da Terra para que depois os Arqueus pudessem imprimir a egoidade sobre esse corpo astral superior.

Essas conclusões demonstram, sem mais margens a equívocos, como aquela afirmação lá no início do texto procede: existe um corpo de ego, o manasmayakosha, que deve ser considerado ao pensarmos os membros constitutivos do ser humano. Ele se desenvolve a partir do kamamayakosha (o correspondente ao corpo astral) e se

localiza entre este e o atma (o Eu em sânscrito), dando forma a um ser humano pentamembrado.

Steiner nunca foi explícito sobre essa pentamembração, nunca falou dela em nenhuma de suas palestras ou livros. Mas se em “Teosofia”, além das quadrimembração e da trimembração clássica, ele assume também a possibilidade de uma heptamembração e de uma eneamembração, não pode constituir absurdo considerarmos essa pentamembração. Pelo simples aspecto de ser ela muito útil para pensarmos a clínica do ser humano atual afundado em questões egóicas a atormentá-lo e a desviarem-no de seu caminho cármico, penso ser tal construção extremamente válida. E também pelo fato de o próprio Steiner nos oferecer ricos argumentos para considerar o ego como um dos corpos constitutivos humanos – seja sob a alcunha de eu inferior ou de corpo astral superior. E se os mais puristas acusarem-me de heresia por não ser o número cinco sagrado nas tradições esotéricas, posso, em minha defesa, alegar as imagens pitagóricas do quadrado e do triângulo para justificar estarmos, em verdade, diante de uma heptamembração: o quadrado é constituído pelos quatro corpos inferiores atualmente presentes (corpos físico, etérico, astral e do ego) e o triângulo pelos três membros superiores futuros (manas, buddhi e atma, sendo o Eu a estrutura localizada no centro do triângulo que reúne os embriões desses membros ainda em germinação). Nesse modelo pitagórico proposto pelo próprio Steiner em “As Origens do Pai Nosso”, enquanto o ego tem sua origem nos membros inferiores, no corpo astral, o Eu advém das alturas espirituais e encaixa-se na alma humana terrena madura para recebê-lo. Portanto, sete membros constitutivos para o ser humano: quatro atuais, três em germe resumidos no que denominamos Eu. Acredito que o número sete satisfaça as exigências mais ortodoxas.

“Durante o último ciclo de Saturno foi formado o homem-espírito (atma), com o auxílio dos Espíritos da Vontade (Tronos). Durante o penúltimo ciclo do Sol acrescentou-se, com a cooperação dos Querubins, o espírito vital (buddhi). E durante o antepenúltimo ciclo da Lua a personalidade espiritual (manas) reuniu-se a ambas, com o auxílio dos Serafins. Portanto, durante esses três grandes ciclos houve duas origens humanas: surgiu um homem inferior, formado pelo corpo físico, pelo corpo etérico e pelo corpo astral, e um homem superior, formado por atma, buddhi e manas. A natureza inferior e superior do homem percorreram, no princípio, caminhos separados. A evolução da Terra tem por meta reunir essas duas origens separadas do homem.”

(“A Crônica do Akasha” – pág. 136)

Temos aqui claramente definido que o objetivo do ser humano na Terra é a construção do Antahkarana, a ponte que liga os corpos inferiores (o quadrado) aos superiores (o triângulo), o caminho que pavimenta a distância entre o ego e o Eu. Mas o ego não é citado por Steiner no trecho acima. Nem o Eu.

É porque são estruturas criadas na Terra, e já temos elementos suficientes para incluí-los irremediavelmente à história terrena. O ego é o resultado da cisão do corpo astral, e os Arqueus jorram a independência e o egoísmo na porção superior desse membro cindido. Steiner não a nomeou (por quê?), mas estou denominando-a ego. Sua origem é a natureza inferior e perecível do ser humano. Quanto ao Eu, devemos buscá-lo nas origens divina e eterna do ser humano.

“No corpo físico começa seu trabalho a entidade substancial que se pode chamar de antepassado do homem propriamente dito. Essa mesma entidade substancial formou em Saturno o homem-espírito (atma) com o auxílio dos Tronos, no Sol o espírito-vital (buddhi) coadjuvada pelos Querubins e na Lua a personalidade espiritual (manas) juntamente com os Serafins.”

(“A Crônica do Akasha” – pág. 137)

Essa entidade substancial antepassada do homem só pode ser o Eu que em Saturno, Sol e Lua atua de fora, na companhia e auxílio dos seres da mais alta hierarquia, e, na evolução da Terra, começa a se aproximar dos membros inferiores no intuito de encarná-los. E o encaixe do Eu no ser humano encarnado ocorre via ego, o triângulo se une ao quadrado por intermédio da mão que lhe estende o ego, o ego é o porto onde o Eu ancora na Terra. São outras maneiras de descrever o Antahkarana, a missão terrena do ser humano, unir as porções inferior e superior da entidade humana. Estamos desde o Antigo Saturno criando as estruturas indispensáveis para que essa acoplagem Eu-ego ocorra na Terra.

A origem superior do Eu humano é muito evidente no evento do recebimento dos dez mandamentos por Moisés de Yahweh conforme relatado na Bíblia. Steiner também se utiliza do exemplo para demonstrar essa verdade.

“Eu sou o divino eterno que você sente em si.”

("Disease, Karma and Healing" – pág. 96)

Yahweh é um Espírito da Forma, um Exusiai, um Elohin, foi ele quem mostrou ao povo judeu o caminho para o Eu. Derramou algo de substância espiritual na entidade humana e abriu-nos o caminho para conhecermos a necessidade cármica da evolução.

Já estávamos em evolução, desde Saturno. Desde então, vêm as Hierarquias guiando-nos o caminho através da evolução cósmica. O Eu não é novidade na evolução humana; vimos como na Antiga Lua o ser humano experimentava esse Eu na forma de um Eu-grupo que advinha dos Anjos. Mas na Terra, num período de tempo tão enorme quanto impreciso que vai da expulsão do Paraíso na Lemúria ao anúncio de Yahweh a Moisés durante o êxodo através do deserto do Egito, o ser humano finalmente alcançou a capacidade para o Eu. Não para desenvolver o Eu – percebamos! – mas para distinguir o Eu de forma individual, para se nomear um ser individual na evolução cármica universal. Yahweh não cria o Eu, ele mostra-o. Yahweh é um Espírito da Forma e reproduz na Terra o que essas entidades fizeram ao longo de toda a evolução do Anthropos: a partir da substância espiritual disforme, conferir-lhe forma individuada; na Terra isso significa apontar aos egos humanos primitivos a luz que brilha a partir do Eu, apontar para o ser humano o caminho espiritual que leva ao Eu, do ego ao Eu. Apenas quando o germe da alma da consciência já está suficientemente maduro no interior humano – embora a humanidade ainda vivesse, àquela época, sob o império da alma da sensação – pôde Yahweh mostrar-lhe o Eu e, então, criou-se a necessidade do Antahkarana, o caminho que leva do ego ao Eu.

Podemos imaginar Moisés como um iniciado bastante evoluído em relação aos demais hebreus em desesperada fuga das tropas do faraó Ramsés II no deserto. Enquanto o povo judeu não percebe no deserto nada mais que a penosa rota de luta pela sobrevivência, Moisés, conhecedor dos Mistérios como praticados pelas mais altas classes sacerdotais egípcias, experimenta no mesmo deserto o desafio terreno da alma que busca unir-se à Verdade espiritual que flui do Cosmo pelo caminho do Eu. Um iniciado que guia escravos em fuga pelo espinhoso e árduo caminho do ego ao Eu. A península desértica do Sinai é o cenário perfeito para a migração da alma através dos caminhos misteriosos do Antahkarana, o deserto que cada ser humano precisa enfrentar em seu íntimo ao olhar para o alto e vislumbrar nas distâncias cósmicas o Eu.

Pode-se argumentar que Moisés não foi o primeiro a vislumbrar o Eu. Os hindus, obviamente, conheciam o Eu; já haviam cunhado, milênios antes, o termo Antahkarana para pavimentar o caminho até ele. E no campo das lendas e mitos podemos citar

Gilgamesh, o rei sumério que pouco mais de mil anos antes de Moisés partiu em uma jornada em busca da imortalidade, ou seja, o conhecimento do Eu.

Mas o que importa em todas essas lendas e mitos não é precisar exatamente quando o Eu se derramou sobre o ser humano. Até porque, como viemos acompanhando desde o início deste texto, as bases para o Eu já estavam lançadas desde Saturno quando é implantado o primeiro germe de Atma a partir do corpo físico calórico. O que importa é que o Eu advém de instâncias espirituais superiores, e os Espíritos da Forma são os que nos mostram o caminho. Não criam o Eu, apenas apontam o caminho para alcançar seu brilho. Mostraram a Moisés, antes dele a Gilgamesh, e antes ainda aos iniciados hindus. E antes mesmo aos rishis que, orientados pelo Manu, preservaram a sabedoria atlântica para a humanidade vindoura. Os Espíritos da Forma estão a cada instante – pois sua ação dura no Tempo – mostrando a cada um de nós o Eu. Gilgamesh e Moisés haviam atingido a evolução iniciática necessária para entender a mensagem advinda das Hierarquias através dos Exusiai, os Espíritos da Forma; mesmo naqueles tempos distantes, suas almas da consciência já estavam maduras o suficiente. Hoje em dia, no entanto, muitos de nós ainda não amadureceram para essa mensagem, na verdade muitos ainda vivem como escravos em fuga pelo deserto aprisionados na alma da sensação. É que o impulso para buscar o Eu parte do ego. E o ego, como sabemos, é território de paixões, vícios e obscuridade.

Quando Lúcifer nos guiou para fora da Terra antes da separação da Lua, e salvou a humanidade do ressequimento, implantou em nossas almas a potencialidade para o mundo exterior. Esse processo já vinha em germinação desde o Antigo Saturno quando surgiram os primeiros rudimentos dos órgãos dos sentidos mediante o trabalho dos Arqueus. Mas até a Lua não éramos capazes de nos utilizar desses sentidos voltados ao exterior e permanecíamos a perceber os objetos apenas por suas potencialidades anímicas, pelo quanto nos influenciavam em simpatia ou antipatia. Na Terra esses órgãos dos sentidos já estão suficientemente maduros, bem como o aparato cerebral capaz de decodificar seus estímulos. E quando o homem retorna à Terra, guiado de volta de seu exílio, está já apto aos estímulos externos. É quando Adão come da árvore do conhecimento e é expulso, junto a Eva, do Paraíso. O Eu brilha das alturas sobre o ser humano terreno, mas há também o ego. O ego confere a esse ser humano a capacidade de se perceber um ente autônomo e individuado na evolução cósmica. Ele olha ao redor e vê outros egos, Adão enxerga a individualidade Eva, e esse é o pecado original: desviar a atenção do mundo espiritual de onde emana a luz mostrada por Yahweh e atentar aos estímulos e seduções terrenas oferecidas por Lúcifer através

do ego. Adão não era ainda um ser humano capaz de compreender as complexas verdades cósmicas mostradas por Yahweh ao iniciado Moisés, Adão era um ser primitivo, capaz apenas de perceber-se como individualidade autônoma na existência. A expulsão do Paraíso é, mais do que um evento ligado ao Eu, um símbolo do advento do ego. Um acontecimento, como a própria Bíblia deixa a entender, onde podemos enxergar o dedo de Lúcifer.

Mas, como já vimos, não devemos derivar o Mal de Lúcifer, já foi dito que o Mal se origina dos seres do Bem, foi a partir da renúncia dos Querubins ao sacrifício dos Tronos que seres puderam se apropriar do objeto desta renúncia no proveito de sua própria evolução. Uma evolução que se desviou do caminho cósmico considerado natural e deu origem aos seres asúricos, ahrimânicos e luciféricos. Mas quem somos nós para julgar os propósitos desses desvios? Trata-se de um sacrifício o ato de Lúcifer em nos guiar para fora das condições hostis da Terra antes da separação da Lua, um sacro-ofício. E Steiner nos alerta que não devemos tomar ao pé da letra a ideia de que Lúcifer corrompe o ser humano a partir do ego para cumprir seus objetivos sempre maléficis.

“Se for dito que as entidades com antiga natureza lunar (seres luciféricos) se aproximaram do homem a fim de conquistá-lo “sedutoramente” para suas próprias metas, estará sendo empregada uma expressão simbólica, válida enquanto se mantiver consciência de seu caráter alegórico.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 180)

Com a influência de Lúcifer a consciência humana se libertou da função de simplesmente espelhar o Universo. A partir do corpo astral, do qual evoluiu o ego, o ser humano se tornou capaz de relacionar-se com o mundo exterior e com isso passou a dominar as imagens que lhe afluíam à consciência, alcançou a independência no ato de conhecer. Isso conferiu ao ser humano liberdade, o livre-arbítrio. Por outro lado, o ego, por ser estrutura nova – novíssima, criada apenas na Terra! – e vinculada aos estímulos do corpo astral, é fonte de todo o tipo de sedução e cobiça que o mundo material exterior pode exercer sobre criaturas pouco amadurecidas. Não é por outro motivo que em sânscrito recebe o nome de manasmayakosha, corpo ilusório de manas. Está o ser humano na situação de construir o Antahkarana e unir o ego às aspirações espirituais evoluídas que emanam do Eu. Isso obviamente não é fácil em um mundo de ampla

oferta de delícias materiais. Mas esse é o desafio de cada humano na Terra. E deve ser alcançado de forma livre, ou seja, por sua própria e espontânea decisão. Escolher conscientemente a vontade que flui advinda dos mundos espirituais mais elevados.

Esse foi e será o desafio de todo ente que alcance o grau de consciência do eu correspondente ao ser humano na Terra. Foi o desafio dos Arqueus em Saturno, parte sucumbiu e se tornou Asura; foi o desafio dos Arcanjos no Sol, parte deu origem a Ahrimã; foi o desafio dos Anjos na Lua, parte acabou como Lúcifer. Será também o desafio do ser que se tornar humano em Júpiter, depois em Vênus e finalmente em Vulcano. Agora o desafio é nosso, e não podemos atribuir a Lúcifer, nem a Ahrimã ou a Asura, nosso fracasso. Para isso nos foi oferecido o livre-arbítrio. Quando culpamos Lúcifer por nossos erros é apenas porque foi ele quem nos presenteou com a liberdade do livre-arbítrio. Só assim poderemos evoluir para a próxima etapa evolutiva humana, para Júpiter. Parte de nós não alcançará o objetivo, e vai desviar-se do caminho, e vai guiar os próximos seres que passarão pela etapa humana quando as condições de seu mundo se tornarem ásperas ao seu desenvolvimento. Um sacro-ofício.

“Ao vermos que seres se atrasaram em seu desenvolvimento na Lua para intervir na vida humana na Terra, podemos achar explicável ter havido, também no Antigo Sol, seres que ficaram para trás e que na Antiga Lua desempenharam um papel semelhante ao dos seres luciféricos na Terra. (...) Na Antiga Lua viveram seres que naquela época passaram por seu estágio “humano” tal qual estamos passando no decorrer do ciclo da Terra (...) esses seres são chamados de Anjos. (...) Eram os seres ahrimânicos, que se atrasaram durante a evolução solar da mesma maneira como os seres luciféricos se atrasaram na evolução lunar. (...) Ahrimã era o tentador no coração dos Anjos.”

(“As Manifestações do Carma” – págs. 130 e 131)

O desvio de seres quando perfazem a evolução no nível de consciência humano, portanto, é uma constante cármica do Universo. Sempre aconteceu, sempre acontecerá. É evento oriundo da renúncia por parte dos Querubins ao sacrifício dos Tronos. E sabemos, pelo conceito da Duração, que esse evento espiritual se perpetua na evolução do Universo. Em Saturno, os Tronos perfaziam a etapa evolutiva dos Espíritos da Forma, exatamente o posto ocupado hoje na Terra por Yahweh, os Exusiai.

Estão hoje os Exusiai a oferecer seu sacrifício aos Dynamis, reproduzindo o evento ocorrido no Antigo Saturno quando os atuais Tronos ofereciam o sacrifício aos atuais Querubins. Parte desse sacrifício será recusado pelos Dynamis, assim como os seres que hoje chamamos de Querubins recusaram-no no Antigo Saturno. Essa renúncia permanece disponível no ambiente espiritual terrestre. Então, a partir do sacrifício original, a emanação da vontade do Cristo que flui através das Hierarquias em cada sucessão das encarnações planetárias, formam-se forças desviantes que são absorvidas. Hoje, na Terra, desempenham esses papéis os Dynamis, os Exusiai e nós. Parte dos primeiros renunciará ao sacrifício oferecido pelos segundos, parte de nós absorverá essa renúncia e se desviará do Antahkarana, não alcançará o Eu e seguirá os caminhos tortuosos e desconhecidos do impulso luciférico. Esse fenômeno traz um novo elemento à cena da evolução.

“Para os seres que rejeitam o sacrifício isso é apenas algo que botaram para fora de si; para os outros seres, para aqueles em cujo interior a substância sacrificial é retida, é algo através do qual uma característica estranha é introjetada do exterior (...) e esse algo é a morte!”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 6)

“Um efeito especial da influência luciférica foi que de então em diante o homem já não podia sentir sua vida terrestre individual como continuação da existência incorpórea. A partir daí ele recebia impressões terrestres que podiam ser vivenciadas por meio do elemento astral infundido e se ligavam às forças que destruíam o corpo físico. O homem sentia isso como a extinção de sua vida terrestre. E assim surgiu a morte, causada pela própria natureza humana.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 182)

A morte, então, é infundida por Lúcifer na natureza humana. É através do instrumento egóico desenvolvido pelos Arqueus partir da influência luciférica que, de fato, travamos contato com todo o tipo de experiências sedutoras e sensuais do mundo terreno, o que nos afasta do caminho do Eu. Mas não é Lúcifer quem está nos tentando, é nossa própria natureza interior. Lúcifer nos afastou da Terra no momento crítico e nos salvou da animalidade, e operou a função absolutamente necessária de desenvolver

nosso corpo astral no sentido de que os Arqueus pudessem implantar nele a egoidade. Sem o ego oferecido pelo trabalho conjunto de Lúcifer e dos Arqueus não poderíamos olhar para cima e enxergar o Eu mostrado pelos Exusiai. Mas estão os Exusiai a oferecerem seu sacrifício ao Universo, parte deste sacrifício será renunciado e somos nós os seres que nos maravilharemos com a visão desses eventos cósmicos e nos seduziremos com seus efeitos aqui na Terra através de nossos egos. Nós iremos absorver o sacrifício renunciado, já estamos. Mas que sacrifício é esse que estão a oferecer os Exusiai?

No Gênesis os Exusiai são chamados de Elohins, Yahweh é um Elohin. A missão dos Elohins em sua evolução terrena é implantar o amor. Destrincharemos essa afirmação em detalhes um pouco mais à frente. Por ora, basta-nos essa verdade. E também saber que dos sete Elohins descritos na Bíblia, seis atuam a partir do Sol³, enquanto um deles, Yahweh, sacrificou sua evolução e permaneceu ligado à Lua.

“Foi necessário que um Espírito da Forma se desligasse da comunidade, de maneira que os senhores só devem procurar por seis desses Espíritos da Forma ou Elohins na direção do Sol. Um desses espíritos teve de se separar (...) Trata-se aqui daquele que na Bíblia, no Gênesis, é chamado de Yahweh (...) O prosseguimento da evolução do ser humano só foi possível pelo fato de um Elohin, Yahweh, haver se retirado com a Lua, enquanto os outros seis espíritos permaneceram no Sol.”

(“A Missão das Almas dos Povos” – págs. 119 e 120)

O que significa exatamente o sacrifício de vontade que os Tronos endereçaram aos Querubins em Saturno e que hoje os Exusiai dedicam aos Dynamis não nos é dado saber, permanece como segredo oculto dentro da Verdade Cósmica. Porém, agora sabemos que Yahweh – assim como Lúcifer – também sacrificou sua evolução ao ligar-se às forças lunares. Parece – e isso é um mistério não explicitado por Steiner – que devemos às forças oriundas desse astro nossa condição humana na Terra; não só a formação do ego, mas também a ancoragem do Eu. Em “A Ciência Oculta”, Steiner também aborda a questão.

³ Lembremo-nos que na Antiga Lua os Exusiai ainda eram Arqueus e, portanto, não podiam atuar a partir do Sol; quando este se separou permaneceram na Lua. Na Terra, são já os Exusiai seres da segunda hierarquia, sendo-lhes, por isso, facultada a moradia no âmbito do Sol quando esse se separa.

“Só foi possível continuar a formar, na Terra, figuras humanas capazes de acolher a individualidade da alma pelo fato de uma parte das forças formativas serem transferidas da Terra para a Lua. Com isso a individualidade humana entrou na esfera dos seres lunares. E no estado incorpóreo, o eco junto à individualidade terrestre só pôde ter efeito porque (...) a alma permaneceu no âmbito dos poderosos espíritos que haviam conduzido a separação da Lua (...) Imediatamente depois de abandonar o corpo terrestre, a alma só podia ver os sublimes seres solares como que num resplendor refletido pelos seres lunares. Só depois de estar suficientemente preparada pela visão deste reflexo é que a alma chegou a contemplar os sublimes seres solares propriamente ditos.”

(“A Ciência Oculta” – pág. 178)

Percebamos, Steiner está a falar de seres que ligaram sua evolução à Lua, e não é aos seres luciféricos que se refere. Lúcifer permaneceu ligado à Lua na etapa cósmica anterior: na Antiga Lua deveria ter evoluído junto à comunidade dos Anjos, sua hierarquia original, mas desviou-se. Aqui Steiner está a mencionar seres de uma hierarquia superior, os Exusiai, Espíritos da Forma, Elohins bíblicos, seis deles brilham a partir do Sol, um deles se faz influenciar da Lua. É Yahweh, talvez devemos falar de seres yahweicos. Seria esse o correspondente ao sacrifício não aceito, aquele que os Querubins recusaram aos Tronos no Antigo Saturno?

São mistérios cósmicos que podemos apenas inferir indiretamente através dos eventos astronômicos que observamos no céu material. Se não temos acesso às verdades mais profundas inscritas na evolução cármica dos seres que habitam as mais altas hierarquias, podemos, ao menos, observar nos eventos cósmicos físicos os reflexos desses movimentos. A separação da Lua, ao que parece, foi uma necessidade espiritual envolvida no enredo cármico de hierarquias mais altas. E que influenciou diretamente a evolução humana. Enquanto os Espíritos da Forma resolviam entre si quem iria para o Sol e quem migraria para a Lua, cumprindo determinações cármicas não abertas ao nosso entendimento, Lúcifer nos tomou pelas mãos e nos salvaguardou em um estado de consciência germinal, fora da Terra, apenas esperando que os seres superiores finalmente decidissem pelo sacrifício de Yahweh.

A partir da separação da Lua, e após Yahweh lá estabelecer seu exílio da comunidade dos Elohins, Lúcifer pôde nos reconduzir de volta à vida na Terra. Se a

migração de Yahweh para a Lua corresponde ou não ao mistério do sacrifício não aceito dos Tronos aos Querubins não podemos ter certeza, mas que esse fenômeno cósmico está ligado ao advento da morte ao ser humano isso podemos concluir. Porque a morte está ligada ao elemento terra, à materialidade em seu nível mais denso que seduz nossos sentidos e cobiças. E falar da morte não consiste em aludir ao mesmo processo que ocorre com os animais. Quando um animal morre significa apenas que a força espiritual hipostasiada naquele corpo físico se esvai. No ser humano, a morte física é a passagem de sua individualidade para a dimensão anímica do mundo espiritual, donde prosseguirá em sua evolução cármica à próxima encarnação. A morte, no sentido humano, significa uma conquista só possível a seres que perfazem sua evolução através da consciência do Eu na Terra.

“A morte no plano físico ocorre apenas para os seres que precisam adquirir algo nesse plano. Atualmente o homem tem que adquirir a consciência do Eu neste plano. Sem a morte ele nunca poderia encontrá-la. Nem para os seres abaixo do homem nem para aqueles acima, há qualquer significado em se falar de morte real.”

(“Evolution in the Aspects of Realities” (GA 132) – lecture 6)

A morte só existe no plano terreno, para os seres que ocupam o grau de consciência do Eu, que estão a desenvolver tal etapa evolutiva da consciência. São os Espíritos da Forma sediados na Lua quem nos mostram a senda para essa consciência do Eu. Os Exusiai realizam o sacrifício não aceito pelos Dymanis e somos nós quem nos seduzimos com o sacrifício renunciado e absorvemos sua substância na forma da morte. A morte é o presente que recebemos através da renúncia, Yahweh, o Exusiai exilado na Lua, é o ser espiritual que permaneceu ligado a nós para mostrar-nos o verdadeiro sentido da morte. Um sacro-ofício. Não seria possível preencher-nos com essa verdade a partir do brilho ofuscante do Sol, foi preciso que Yahweh estabelecesse seu domicílio na Lua. Cristo, a origem de todo esse processo, a Vontade emanada através do sacrifício dos Tronos aos Querubins, desceu à Terra para mostrar a toda a Humanidade a verdade antes revelada apenas aos iniciados. Através do mistério do Gólgota, Ele nos ensinou como superar a morte pela ressurreição. A mesma mensagem de Yahweh a Moisés: a eternidade do Eu, do espírito. A distinção entre o ego terreno construído pelos Arqueus e o Eu eterno mostrado por Yahweh. A Vontade de Cristo que fluiu em Saturno através do sacrifício dos Tronos criou o calor que deu origem ao nosso corpo físico. A mesma Vontade renunciada pelos Querubins criou, na Terra, a sedução

da morte. Nosso desafio é compreender essa verdade espiritual e seguir o caminho que leva ao Cristo, construir o Antahkarana, a partir do ego sintonizar nosso caminho para a luz emanada pelo Eu das altas hierarquias. É através das verdades espirituais emanadas pelo verbo de Cristo Jesus que podemos encontrar a redenção através da morte. Seguir suas palavras. E assim, está criado o quarto e último dos incorporais estóicos: o Dito (*Lektá*), a Verdade espiritual traduzida em palavras por todas as civilizações. Alguns de nós estão já aptos a compreender o *Lektá*, Moisés o compreendeu, e transformou-o em palavras grafadas na pedra sob a forma de mandamentos para que o povo ainda escravizado nas areias desérticas do ego pudesse aspirar ao caminho que leva ao Eu.

DO EGO AO EU

“Minha alma leva-me ao deserto, ao deserto de meu próprio si-mesmo. Não pensava que meu si-mesmo fosse um deserto, um deserto seco e quente, poeirento e sem bebida. A viagem conduz através da areia quente, vadeando lentamente sem objetivo visível de esperança. Como é horrível este deserto! Parece-me que o caminho leva bem longe das pessoas. Ando meu caminho passo a passo e não sei quanto tempo vai durar minha viagem.

Por que é um deserto meu si-mesmo? Será que vivi por demais fora de mim, nas pessoas e nas coisas. Por que evitei meu si-mesmo? Eu não me era caro? Mas eu evitei o lugar de minha alma. Eu era meus pensamentos, depois que não era mais as coisas e as pessoas. Mas eu era meu si-mesmo, colocado diante de meus pensamentos. Eu devo também elevar-me acima de meus pensamentos ao encontro de meu próprio si-mesmo. Para lá vai minha viagem e, por isso, ela conduz para longe das pessoas e das coisas, à solidão. Isto é solidão, estar consigo mesmo? Solidão só quando o si-mesmo é um deserto. Devo fazer do deserto um jardim? Devo povoar um país deserto? Devo abrir o jardim encantado do deserto? O que me leva para o deserto e o que devo fazer lá? Existe uma ilusão de que não posso mais confiar ao meu pensamento? Verdadeira é apenas a vida e tão só a vida me leva ao deserto, realmente não me pensar que gostaria de voltar para as pessoas, para as coisas, pois lhe é sinistro estar no deserto. Minha alma, o que devo fazer aqui? Mas a minha alma falou-me e disse: “Espera”. Eu escuto a terrível palavra. Ao deserto pertence a dor.”

(“Livro Vermelho” – pág. 236)

Escolhi o relato de Jung acerca de sua própria experiência no Antahkarana para ilustrar a abertura do último ato dessa nossa viagem do ego ao Eu. Trilhar o caminho do ego ao Eu é o objetivo cármico de todo ser humano na Terra, e o “Livro Vermelho” de Jung é dos mais ricos relatos dessa experiência nos interiores desérticos e vazios da alma. Um processo de iniciação, e suas páginas intimistas revelam o quanto singular é a experiência de cada ser humano na Terra. O caminho iniciático meditativo é a via de acesso, o elevador cármico que permite alcançar as dimensões espirituais mais elevadas. O que parece óbvio, no entanto, é tarefa, enormemente complicada; o ego, em seus medos, caprichos, fraquezas e limitações, resiste a enveredar-se por caminhos ameaçadores e por ele desconhecidos. Prefere a segurança de sua existência terrena aos perigos espinhosos que o aguardam no caminho espiritual. Quem se atira ao deserto sem necessidade? Se for para escapar das tropas do faraó, tudo bem. Mas de livre e espontânea vontade?

Jung se atirou. E nos legou belíssimo descrever poético-imaginativo de sua brutal experiência na literatura do “Livro Vermelho”. Na maior parte das vezes, contudo, os egos humanos preferem ignorar o deserto, negar a existência de qualquer necessidade espiritual. Como vimos em “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” à consciência individual (CI), que é a consciência própria do espírito eterno através da qual são traçados os objetivos cármicos, se opõe a consciência de personalidade individual (CPI), que é o tipo de consciência encarnada própria da vida egóica terrena. Ceder aos caprichos tortuosos do ego é a maneira mais fácil de postergar, inconscientemente, a uma futura encarnação as metas cármicas traçadas no âmbito da CI entre a vida e a morte. No entanto, a negação leva ao adoecimento. A maioria das pessoas ainda não está em condições de iniciar este espinhoso caminho, as doenças são atalhos que visam encurtar o colossal desafio. Não tornaremos aqui às implicações cármicas envolvidas no adoecer humano, já as evidenciamos em todo o curso de “Estudos Sobre As Manifestações do Carma”, mas é útil ressaltar, lançar o interesse atento, às necessidades cármicas da escolha: ou o indivíduo se fecha em sua doença e se encastela em seu ego ou percebe, fluindo através de correntes inconscientes, que algo dentro de si lhe fala e solicita escolhas ativas que o levem ao caminho das mudanças necessárias. É a CI que fala em nós, tenta acessar a CPI, gritar-lhe a necessidade de orientação às demandas cármicas, berrar-lhe a urgência do momento. Porém, muitas vezes, é a CPI surda.

“Sou um homem doente. Sou um homem despeitado. Sou um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. Aliás não entendo nada de minha doença, nem sei ao certo do que sofro. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a Medicina e os médicos. Além disso, sou extremamente supersticioso; o suficiente, em todo caso, para respeitar a Medicina. Tenho bastante instrução para não ser supersticioso, mas sou. Não, não quero tratar-me, por despeito. Com certeza não vos dignareis compreendê-lo. Mas eu compreendo. Está claro que não vos posso explicar a quem, precisamente, estou prejudicando, nessa situação, com o meu despeito, sei perfeitamente que não causo danos aos médicos por deixar de consultá-los; percebo melhor do que ninguém que com tudo isso o único a sair perdendo sou eu. Mas, seja como for, se não me trato é por despeito. Meu fígado está mal, pois que piore!”

(“Notas do Subterrâneo” – pág. 9)

Quem nos fala acima é Fiódor Dostoievski, por intermédio de uma de suas mais enigmáticas e repugnantes personagens. Nesse caso, a personagem não só ignora a necessidade do deserto como recusa-se até mesmo a tratar a doença do fígado já estabelecida. Não se trata por despeito, e sabe perfeitamente bem que os prejudicados não são os médicos, mas ele mesmo. Até que ponto vai a recusa do ego!

É claro que existe uma distância enorme entre tratar fisicamente uma doença do fígado e escolher as transformações necessárias para minimamente se postar no caminho cármico do Antahkarana. A própria doença já é uma solução cármica encontrada pela CI para uma vida onde nada pôde ser alcançado através das escolhas egóicas conscientes da CPI. Porque são muitas as oportunidades, ao longo de uma vida, para que o indivíduo se alinhe ao que flui das dimensões universais do carma, a doença é a última alternativa. Contudo, invariavelmente, nossos egos postergam e reprimem todas as oportunidades prévias até que a doença advenha. Mesmo assim podemos mantermo-nos relutantes! “Meu fígado está doente? Pois que piore!” É um tapa na cara do Eu. É como se o ego dissesse ao Eu: “sei aonde você quer chegar com isso, mas mantenho-me mesquinhamente aferrado aos prazeres e cobiças desse mundo terreno. Meu fígado dói por excesso de luxúria e gula? Por preguiça? Pois que piore! Não cederei um mínimo em meus vícios e prazeres”.

O ego é apegado a suas necessidades de satisfação terrena. Todos sabemos o quanto é difícil transformar o mais simples dos vícios. Ao ego, é mais cômodo fazer-se insensível às demandas do Eu. A tradição tupi-guarani tem uma simbologia muito verdadeira para lidar com essa questão das relações do ego e do Eu, para eles trata-se

do irmão mais novo e do irmão mais velho. Uma questão fraternal e pedagógica. Para Steiner, é uma necessidade evolutiva. O ego é sim instrumento de todo o tipo de mazelas e sofrimentos, mas também comporta a potencialidade para o Bem a ser alcançado através do livre-arbítrio. Todavia, como demonstra a personagem de Dostoiévski, muitas vezes é mesmo o Mal quem distribui as cartas.

Dostoiévski foi mestre na arte de retratar o ego de suas personagens, o que, sem dúvida, é um dos maiores desafios na literatura. Em sua monumental obra “Crime e Castigo”, narra o drama moral de Raskólnikov, um pobre e jovem estudante que comete um assassinato, não para usufruir dos benefícios financeiros de seu roubo, mas para dar vazão ao grande dilema moral-intelectual que o atormenta: os grandes assassinos da História, como Júlio César e Napoleão, foram não só absolvidos por seus crimes como até mesmo glorificados. Atormentado pelo dilema, o jovem Raskólnikov comete ele também seu próprio assassinato, no interesse de experimentar a curiosidade dos sentimentos oferecidos à alma pelo ato. A trama da narrativa é um mergulho para dentro do ego turbulento de Raskólnikov onde todos os dilemas morais possíveis vão surgir e justificar a dupla dimensão egóica citada por Steiner: a capacidade tanto para o Bem como para o Mal. É que para Dostoiévski nada pode ser mais importante para o ego que expressar sua própria e livre vontade.

“Onde esses sábios descobriram que o homem necessita de não sei que vontade normal e virtuosa, (...) (que) aspira a uma vontade racionalmente vantajosa? O homem só aspira a uma vontade independente, qualquer que seja o preço a pagar por ela.”

(“Notas do Subterrâneo” – pág. 35)

As páginas iniciais de “Notas do Subterrâneo” não constituem um romance. São um relato em primeira pessoa, onde a personagem doente e despeitada confronta o mundo hipócrita e doentio em sua falsa aspiração a interesses mais elevados. Ao contrário da sociedade a qual bombardeia com seus impropérios, a personagem que nos fala em “Notas do Subterrâneo” não tem vergonha em assumir a renúncia ao Eu, em vociferar contra as aspirações morais cármicas do Eu. Quando transcrevi esse trecho, meu primeiro impulso foi substituir o termo vontade por qualquer outro sinônimo pelo fato de ser a vontade em nosso entendimento antroposófico oriunda da Trindade, o sagrado impulso crístico em nós. Manter aqui a palavra vontade seria uma profanação do sagrado sacrifício de vontade oferecido pelos Tronos no Antigo Saturno, o sacrifício

que nos deu a origem enquanto seres físicos. Depois entendi que não, o termo vontade não poderia estar mais bem empregado. O que pode ser mais subversivo, mais egóico, que inverter a hierarquia e despojar o Eu de sua primazia em relação à Vontade divina por subjugá-la às garras sedentas de prazer do ego? As personagens de Dostoiévski são exemplos perfeitos desse ego corrompido pela tentação luciférica em seu grau mais mesquinho, nos ajudam a entender o tipo de renúncia ambicionada por Lúcifer. Quando os Querubins renunciam parte do sacrifício dos Tronos o que dura na existência cósmica é um tecido estranho ao carma universal, desviante. A renúncia absorvida pelos seres luciféricos flui nos egos humanos na Terra como nos ilustram as personagens de Dostoiévski.

É justamente desse tipo de corrupção do ego que Steiner se alonga profusamente nas páginas de “As Manifestações do Carma”. As personagens de Dostoiévski são nossos pacientes. Se não batem à porta de nossos consultórios nessas vidas – “se não me trato é por despeito. Meu fígado está mal, pois que piore!” –, seus futuros egos nos procurarão nas próximas encarnações; por acumular tanta corrupção da alma, a futura vida reencarnará trazendo a marca cármica da doença. Por isso disse, logo no início deste texto, que devemos ter respeito pelos sofrimentos dos egos que procuram por nossa ajuda. Respeito e compaixão. Benevolência e tolerância com as atitudes infantis do irmão mais novo. E mais do que tratar fisicamente fígados e mentes adoecidas, é nosso supremo dever cármico como terapeutas orientar esses egos ao necessário caminho para o Eu. Felizmente, não estamos, nós terapeutas, sozinhos nessa tarefa. Estão os Anjos, nesse exato momento, a exercer essa função sobre toda a Humanidade, obviamente em potência muito superior às nossas capacidades.

“Anjos formam imagens no corpo astral. (...) Sob a orientação dos Espíritos da Forma, esses Anjos formam imagens. (...) Se não houvesse essa formação de imagens, a evolução futura da Humanidade não corresponderia às intenções dos Espíritos da Forma. O que pretendem realizar até o fim da evolução terrestre, e mais além, deve desenrolar-se em imagens, e é destas que surgirá a nova realidade, isto é, a Humanidade transformada. (...) seu desejo (dos Anjos) é produzir nos corpos astrais imagens que deem origem a situações sociais bem determinadas no convívio humano do futuro.”

(“O Anjo em Nosso Corpo Astral” – págs. 15 e 16)

Vimos acompanhando o trabalho dos Anjos desde o Antigo Saturno e mencionamos páginas atrás que atualmente, na Terra, exercem função crucial para o futuro evolutivo da Humanidade. Atuaram esses Anjos sempre através dos germes de órgãos sensórios. Não os criaram, desenvolveram-nos enquanto encaminhavam sua própria evolução. Hoje, continuam a atuar sobre a astralidade, formam em nossa consciência astral, assim como fizeram na Antiga Lua, a capacidade para perceber a tessitura anímica do mundo espiritual. De órgãos sensoriais grosseiros evoluíram para nos presentear com as necessidades básicas para solicitarmos nosso passaporte para o Futuro Júpiter, para o desenvolvimento do manas a partir do corpo astral. É sobre a alma da consciência que atuam os Anjos na Terra, pretendem mostrar-nos como adquirir a consciência imaginativa autoconsciente, tipo de consciência capaz de nos oferecer não só uma imagem representativa dos objetos exteriores que captamos por nossos órgãos sensórios, mas também de perceber as qualidades anímicas interiores dos objetos externos, principalmente no que diz respeito aos outros seres humanos. Porque essa viagem a Júpiter deverá ser empreendida coletivamente pela Humanidade. E essa função coletiva que nos prometem os Anjos em sua pedagogia é a lição mais importante a aprendermos. Sabemos, no atual estado terreno de evolução humana, seres se desviarão pelo caminho luciférico, escolherão os resquícios de renúncia que ecoa na Duração do Universo. Os Querubins renunciaram parte do sacrifício de vontade dos Tronos. Hoje na Terra, são os Dynamis quem renunciam ao sacrifício dos Exusiai. Somos nós os humanos na Terra, parte de nós acolherá o objeto da renúncia dos Dynamis e seguirá o impulso luciférico em uma onda desviante na ordem cármica geral do Universo. É o caminho da Oitava Esfera. Mas o restante da Humanidade, a maior parte, deve evoluir de forma coletiva. E essa é a mensagem que aspiram nos passar esses Anjos.

Atuam, os Anjos, inspirados pelo sacrifício dos Exusiai. E essa evolução coletiva da Humanidade será obtida quando os seres humanos forem capazes de observar no outro não apenas um ego individualizado como um objeto – como vimos fazendo desde Adão –, mas percebermos o outro como um ser divino, como um Eu. E é isso que querem os Espíritos da Forma, os Exusiai, a Bíblia é cheia de exemplos de como Deus envia seus Anjos para orientar os seres humanos na compreensão de si mesmos como manifestações do mundo espiritual. No entanto, parte desse sacrifício que inspira os Anjos é renunciada pelos Dynamis, e alimenta Lúcifer. Nessa dinâmica de sacrifício, aceitação e renúncia repousa um dos maiores segredos do Universo. São os seres humanos que, agora, na Terra, estão na posição de escolha; escolher a via dos Anjos, que nos ensinam a autoconsciência imaginativa, é seguir o caminho mostrado pelos

Exusiai em direção a Júpiter. Mas parte do sacro-ofício de Yahweh, que se atrasa na Lua para de lá guiar o ser humano, é renunciado pelos Dynamis e absorvido por Lúcifer. Escolher seguir Lúcifer é desvio na ordem do carma. É o ego terreno quem escolhe entre os Anjos e Lúcifer. Entre o sacrifício preenchido pela Vontade de Cristo, combustível cármico do Universo, e a renúncia na forma de substância estranha à evolução cármica. As duas vias são a expressão de segredos ocultos na relação entre os seres que ocupam os níveis de consciência dos Espíritos do Movimento e da Forma. A escolha do ego é livre.

E essa liberdade de escolha só pode ser exercida por seres cuja consciência alcançou a capacidade do pensar, só na vida terrena da autoconsciência do Eu. Até então, o ente em evolução só é capaz de refletir a consciência universal emanada dos outros seres. Na Terra, desenvolve-se o ego e a capacidade de olhar para fora e lá no alto enxergar o Eu. Mas o caminho para esse Eu das alturas é para dentro, em direção à alma, e no mergulhar para dentro é possível encontrar a iniciação necessária para o Eu. É na alma da consciência desperta que atuam os Anjos, procuram desenvolvê-la para transcendermos o simples pensar lógico-objetivo e alcançarmos o pensar imaginativo próprio da autoconsciência imaginativa. Um caminho que nos liberta de dogmas e religiões, de seitas e ideologias, e visa unir-nos numa grande fraternidade humana. Os Anjos nos oferecem, a partir da orientação dos Exusiai, a fraternidade para os corpos, a liberdade para a alma e o conhecimento para o Espírito. Através de seu trabalho sobre o corpo astral querem transformar a alma da consciência em manas.

Atualmente exercem essa influência durante o sono. Mas, à medida em que evolui o ser humano, mais de nós serão capazes de acordar conscientemente para essa dádiva angelical. O caminho para isso é a prática meditativa, como ensinado também por Steiner em “A Ciência Oculta”, mas principalmente em “O Conhecimento dos Mundos Superiores”, de forma a podermos receber os Anjos acordados, por nosso próprio livre querer. Mas, enquanto não acordamos, trabalham durante nosso sono. As forças adversas, entretanto, tentam no sentido oposto.

“Eles (os espíritos luciféricos) procuram manter o homem na ignorância do exercício de seu livre-arbítrio, embora não deixem de fazer dele um ente bom. Lúcifer deseja realizar no homem o bom, o espiritual, mas quer que isso seja automático, sem livre-arbítrio. (...) as entidades luciféricas querem despojar o homem de seu livre-arbítrio, isto é, da possibilidade de praticar o Mal. Elas querem que ele atue partindo do espírito, porém como uma simples projeção espiritual, querem torná-lo automático.”

“O Anjo em Nosso Corpo Astral” – págs. 22 e 23)

Guardada a ressalva feita por Steiner, a que nos lembra que ao atribuirmos a Lúcifer essa ou aquela intenção sobre o ser humano não estamos mais que usando uma linguagem alegórica e fantasiosa, podemos dizer que não deseja Lúcifer nosso Mal. É apenas um ser possessivo, ao libertar-nos das correntes da luz espiritual e também ao guiar-nos para um local seguro até que a Lua se afastasse da Terra, imiscuiu de tal maneira sua existência à nossa que agora a nós se aferra de forma viscosa. No depender de Lúcifer, em sua tendência a derivar para fora da evolução cármica normal do Universo, seguiríamos de mãos dadas à espiritualidade para não mais retornarmos à Terra, desistiríamos daqueles caminhos cármicos orientados pelos Exusiai através dos Anjos. Porque o ciclo de morte e renascimento ensinado por Jesus Cristo e também por Buda são conquistas da Terra, e Lúcifer é ser estacionado na evolução lunar, não conhece o desenvolvimento terreno, não quer saber dele. Em Lúcifer, o risco é cedermos à tentação de trilharmos o caminho espiritual sem termos desenvolvido nossa alma da consciência, nosso pensar, de forma suficiente para compreendermos os mistérios ensinados por Jesus e Buda, o caminho crístico do sacrifício aceito pelos Dynamis na Terra. Steiner alerta em diversas oportunidades aos riscos do neófito nos caminhos iniciáticos se perder por sendas que não levam ao Eu. Lúcifer não alcançou esse conhecimento, manteve-se atolado na fase de evolução lunar quando ainda perfazia sua etapa evolutiva humana, e quer nos manter enredados a sua própria tragédia. Não faz por mal, mas por limitação de sua própria alma. Não sabe fazer diferente. Não escolheu o sacrifício de vontade quando desenvolvia sua autoconsciência do Eu na Antiga Lua, não ouviu as súplicas que lhe direcionavam os Arcanjos, Anjos na época. Escolheu o caminho desviante, ambicionou o objeto fruto da renúncia, o que os Kyriotetes, Dynamis na época, rejeitaram do sacrifício oferecido pelos Dynamis, Exusiai na época. Lúcifer cedeu à tentação do caminho mostrado por Ahrimã e não é por outro motivo que em “As Manifestações do Carma”, Steiner diz que evoluir em nosso caminho cármico é redimir Lúcifer de seu próprio carma.

Voltando à literatura, ela é mesmo abundante em exemplos onde a consciência humana é palco para essa luta entre o Bem e o Mal, entre o ego e o Eu. No clássico de Guimarães Rosa, “Grande Sertão: Veredas”, Riobaldo é um jagunço atormentado por profundas questões morais e éticas. Não se perde em firulas falso-moralistas; apesar de ser a mão mais firme e certa dos sertões do norte de Minas Gerais, não lhe pesam as mortes. Em sua lógica simples de jagunço a guerra é algo natural ao sertão, o gosto

pela vida livre das amplitudes se entretetece aos perigos escondidos sob as veredas tortuosas e selvagens. O título por si só é um convite aos dilemas morais que perpassam o texto através da sofisticada moral simplória de Riobaldo. Não é homem de cultura como Raskólnikov, mas, a despeito da profissão de jagunço, possui sensibilidade apurada para todo tipo de injustiça e desonestidade e sofre por amor. Ao longo de toda a obra, acompanhamos os conflitos sentimentais de Riobaldo pelas veredas obscuras e confusas de sua alma constantemente atormentada pelo duelo entre o Bem e o Mal. Acaba, em estado onírico semi-consciente, cedendo às tentações do Diabo com quem faz um pacto em benefício de poder e grandeza. O texto é uma monumental alusão ao eterno desafio egóico de não sucumbir ao vício da glória e à cobiça por poder. É a luta de um homem de coração justo em sua tentativa de encontrar o caminho da virtude, uma alegoria de todos os perigos que o ego esbarra em seu caminho em busca do Eu. E, sobretudo, uma prova de que, se existe um caminho luciférico que nos tenta ao desvio por ambicionar a renúncia, a escolha será sempre do ego. Está em nosso próprio interior e não fora. Há um Sol que brilha na forma de um Eu, podemos escolher o sacrifício, ou sua renúncia.

Em “A Ciência Oculta” e, principalmente, em “O Conhecimento dos Mundos Superiores”, Steiner também discorre sobre o caminho que leva do ego ao Eu. O Antahkarana é o objetivo de todas as cosmovisões de todas as tradições iniciáticas desde os tempos da Antiga Índia. São, invariavelmente, descrições de jornadas terríveis, de renúncias e privações, medos e tentações. Místicos de todos os tempos e de todas as culturas trilharam esse caminho e nos deixaram um legado de perseverança e vontade. Alguns enlouqueceram perdidos nos tortuosos caminhos do Antahkarana. Não foi tarefa fácil nem mesmo para Jesus e Buda.

Ingressar nesse mundo superior exige do candidato uma enorme disciplina e devoção aos estudos esotéricos e também firme determinação para a prática meditativa. Em “O Conhecimento dos Mundos Superiores”, Steiner descreve minuciosamente o árduo caminho a ser seguido pelo pretendente à iniciação. Prescreve, em primeiro lugar, rígidos e contínuos exercícios morais e cognitivos de forma a orientar os pensamentos no sentido do desenvolvimento moral da alma. E procura instigar o neófito a explorar seu potencial imagético, de forma a superar o pensamento racional objetivo típico do ser humano mergulhado na consciência do Eu e a alcançar progressivamente as dimensões imaginativa, inspirativa e intuitiva da consciência; conhecer conscientemente o que já inoculam os Anjos em nosso corpo astral adormecido. Esse trabalho acontece paralelamente, e na dependência, da abertura das flores-de-lótus, nome com o qual Steiner se referiu aos chakras, órgãos etérico-anímicos que possibilitam ao ser humano

ascender a níveis mais evoluídos da consciência. Os germes dos chakras todos possuímos em nós, foram adquiridos ao longo da cosmogênese como aqui descrita, embora Steiner não os cite uma única vez em “A Ciência Oculta”. São órgãos para o futuro desenvolvimento humano, mas podem ser já ativados a partir do exercício meditativo iniciático. Não nos alongaremos, porém, nessa questão das flores-de-lótus, no interesse de concentrarmo-nos no momento em que o candidato à iniciação está prestes a adentrar o mundo espiritual, quando está no limiar deste, em suas fronteiras, e esbarra na figura grotesca e apavorante do Pequeno Guardião do Limiar.

No entanto, para chegar a esse limiar, deve-se, a partir dos exercícios iniciáticos, alcançar o ponto em que é possível romper a relação orgânica das três forças fundamentais da alma: o pensar, o sentir e o querer. Essa necessidade se deve ao fato de essas três instâncias da alma amalgamarem a estrutura trimembrada da entidade humana em um organismo unitário, como mostram as bases conceituais nas quais se apoiam as práticas de nossa Medicina Antroposófica. As etapas da cosmogênese ilustram como, a partir do tecido anímico indiferenciado, a consciência humana ganha progressivamente forma, um arcabouço mental diferenciado nessas três funções anímicas básicas. O pensar, por exemplo, está relacionado ao sistema neurossensorial, enquanto o sentir ao sistema rítmico e o querer ao sistema metabólico-motor. Assim o pensar se relaciona aos processos racionais-conscientes, o sentir ao nível subconsciente e o querer ao inconsciente⁴. Pode-se também dizer, grosso modo, estar o pensar relacionado ao passado, o sentir ao presente e o querer ao futuro. E esse último ponto é importantíssimo, por ser a chave necessária para adentrar o processo iniciático onde escondem-se os mistérios cármicos do Universo.

“Essas forças volitivas, nós só as percebemos quando, por meio da morte, ascendemos ao mundo espiritual. Ali, porém, elas se encontram extremamente ordenadas. Então nós as trazemos, através do portal da morte, para a vida espiritual. As forças de pensamento que nós trazemos conosco da vida suprassensível para a vida terrena, essas nós efetivamente perdemos no decorrer da vida na Terra.”

⁴ Mantive aqui essa topografia da consciência usada muitas vezes por Steiner, mesmo sabendo ser modo de classificar a consciência superada pelos estudos de Freud e de Jung em pró de uma concepção mais dinâmica. E mesmo em Steiner encontramos descrições muito mais complexas da consciência. Steiner não concebe um pensar independente da atividade do querer nem um querer onde não se aprofunde o pensar, e o sentir é a função que dita ritmo a ambos. Em Steiner também são essas instâncias dinâmicas, como em Freud e em Jung. Contudo, apresentei aqui essa concepção um tanto simplória da consciência por ser útil na ilustração do tema em questão.

“Pensar, Sentir, Querer” in “Conceitos Fundamentais Para uma Psicologia Antroposófica” – pág. 259)

Então levamos dessa vida para a dimensão espiritual, em direção ao futuro, as forças volitivas (querer), e trazemos do mundo espiritual para a nova vida, provindo do passado, as forças do pensamento (pensar). Em “Estudos Sobre As Manifestações do Carma” debruçamo-nos nos detalhes de como, após a morte, os germes do querer constituem o material a partir do qual será elaborado o carma para a próxima vida, e como estas disposições cármicas são carregadas à encarnação seguinte na forma de conteúdos de pensamentos, representações mentais. O futuro molda o passado, o passado constrói o futuro. Duração. O que os exercícios iniciáticos proporcionam é quebrar essa forma estabelecida entre os polos do pensar e do querer e trazer para a vida do presente, do sentir, toda a riqueza dos mundos suprassensíveis que só poderiam ser alcançadas, em nosso estágio atual de consciência terrena do Eu, após a morte. O pensar, o sentir e o querer se libertam da regulação a eles imposta pela forma determinada pelas leis cósmicas e passam a ser administrados pela consciência. Claro que isso só é possível a uma consciência mais evoluída, como pretendem nos ensinar os Anjos. Assim, o processo de iniciação de Steiner propõe o exercício simultâneo das três dimensões da alma – do pensar, do sentir e do querer – através da quebra de suas relações encarnadas, da subversão da sua relação vigente na consciência do Eu. O desenvolvimento do Anthropos em seu longo caminho de Saturno a Terra é uma história de conquista da forma, um longo mergulho na materialidade cada vez mais formatada. Agora, atingido o fundo do poço material, o vértice da curva que leva de volta à ascensão espiritual, o ponto de inflexão da Kali Yuga, o ser humano se posta diante do desafio de desformatar o presente dos Exusiai; partir da estrutura anímica esculpida em pensar, sentir e querer para níveis de consciência cada vez menos coagulados na forma, alcançar níveis de consciência nos quais a relação mais frouxa dessas instâncias da alma permite a percepção do mundo espiritual. Ao conquistar esse desafio, a iniciação adentra os mundos superiores e estabelece relações conscientes com os seres desses mundos. É esse o momento do encontro com o Pequeno Guardião do Limiar.

“Sobre ti reinavam, até agora poderes para ti invisíveis. (...) Reinaram sobre ti sob a forma da lei do carma (...) E uma parte do trabalho que fizeram por ti, tu mesmo terás agora de fazer. Vários golpes duros do destino te atingiram até agora. Não soubeste por quê? Foi a consequência de uma ação prejudicial num de teus anteriores

cursos de vida. Tu encontraste felicidade e alegria, e as acolheste. Também elas foram efeitos de atos anteriores. Tu tens em teu caráter vários ângulos belos, várias manchas feias. Tu mesmo causaste ambos por meio de vivências e pensamentos anteriores. Até agora não conhecestes estes últimos; só os efeitos se te evidenciaram.

(...) Agora, todos os bons e maus aspectos de tuas vidas passadas deverão ser revelados a ti. Até agora estavam entretecidos à tua própria identidade, estavam em ti e não podias vê-los (...) Agora, porém, elas se soltam de ti; destacam-se de tua personalidade. Assumem uma forma autônoma que serás capaz de ver (...) E sou eu mesmo quem edificou para ti um corpo a partir de seus atos nobres e maus. Minha figura fantasmagórica foi tecida com o livro contábil de tua própria vida. Tu me carregaste invisivelmente, até agora, em ti próprio. Mas foi benéfico para ti que tenha sido assim. Pois por isso a sabedoria de teu destino, a ti oculto, trabalhou até agora em ti, na eliminação das manchas feias em minha figura. Agora que saí de ti, essa sabedoria oculta também se retirou de ti. (...) Quando tiveres transposto o meu limiar, não mais me afastarei de teu lado (...) como figura visível a ti. Doravante, quando agires ou pensares de forma incorreta, perceberás de imediato tua culpa qual uma repugnante desfiguração demoníaca de minha figura. Somente quando houveres compensado todo o teu passado incorreto e te houveres purificado a ponto de te ser totalmente impossível cometer novos males é que meu ser se terá transformado em luminosa beleza. E, então, para o bem de tua futura atuação, poderei unir-me novamente a ti, num único ser. (...) Enquanto tiveres qualquer receio de assumir, tu mesmo, a direção do teu destino, não será incorporado a este limiar tudo o que deve sustentá-lo. (...) Não tentes cruzar este limiar antes de sentir-te totalmente livre de medo e pronto a assumir a mais alta responsabilidade. (...) Hoje estou visível diante de ti, tal como sempre estive invisível a teu lado na hora da morte. E quando tiveres transposto meu limiar, entrarás nos reinos em que normalmente penetraste após a morte física. (...) O reino em que a partir de agora penetras far-te-á conhecer seres de natureza suprassensorial. (...) Mas o primeiro que conhecerás nesse mundo terei de ser eu mesmo, por eu ser tua própria criatura. Anteriormente eu vivia de tua própria vida; mas, agora, despertei por ti para uma existência própria (...) Pudeste criar-me; mas concomitantemente, assumiste também o dever de transformar-me.”

(“O Conhecimento dos Mundos Superiores” – págs.134 a 137)

Essa é a descrição oferecida por Steiner, em cores de uma bela prosa poética, sobre o adentrar ao mundo suprassensível. Ao romper o limiar da consciência objetiva

material encontramos uma estranha figura postada na função de guardião. Esse guardião, o Pequeno Guardião, não nos impede a entrada, porém, adverte: não se deve aventurar-se para além daquele limiar sem que a consciência esteja pronta para o que virá. Os riscos são a loucura e o terror. E o primeiro ser que encontramos somos nós mesmos, na forma de uma figura exterior de realidade anímica. O Pequeno Guardião nada mais é que uma síntese de nossa história cármica, comporta o belo e também o terrível. E por ser a primeira vez que alcançamos tal nível de consciência iniciática nada mais natural que estar essa figura carregada pelos mais horrendos e grotescos aspectos. E ele nos adverte sobre a responsabilidade de nos depararmos, a cada ato, a cada singelo pensamento, cada escolha, com transfigurações imediatas em seu desenho, tanto para o bem como para o mal. Essa percepção anímica que é alcançada pelo contato com o Pequeno Guardião do Limiar é marcada pela superação do pensamento objetivo alimentado pelas impressões sensoriais e externas e formatado no pensar, sentir e querer, é a passagem para o pensamento imaginativo autoconsciente, aquele que tentam nos ensinar os Anjos. Mas ascender nesse caminho guardado pelo Pequeno Guardião significa evoluir mais além através dos níveis de consciência: da imaginação chegar à inspiração quando não só seremos capazes de perceber a exteriorização anímica dos seres, mas também conhecer os processos anímicos envolvidos nesses fenômenos observados pela imaginação e alcançar uma potencialidade criativa; e, por último, atinge-se a intuição, grau de consciência no qual efetivamente nos tornamos unos com os outros seres anímicos. Aquele que alcançar o grau intuitivo será capaz de realizar a síntese entre passado, presente e futuro, transpor os limites do tempo cronológico e superar a morte, conhecer a Duração. Isso porque o pensamento lógico-objetivo representa o passado, o pensamento imaginativo é o presente e o pensamento inspirativo aponta ao futuro. O pensamento intuitivo é a força capaz de integrar os três e arremessar o ser humano a outra dimensão da consciência.

No entanto, para o iniciante chegar a esse estágio de consciência faz-se necessário antes romper os laços terrenos que o ligam à família, ao povo, à raça e mesmo à época em que vive. O caminho mostrado pelo Pequeno Guardião é a senda da individuação espiritual, a rota que nos leva finalmente ao desligamento de todo o tipo de vinculação. Porque se iniciamos essa longa história no Antigo Saturno, agora, ao adentrarmos as fronteiras do Futuro Júpiter, precisamos nos libertar totalmente de nossos vínculos terrestres.

Na Lemúria, superamos o Eu-grupal ao qual estávamos atrelados. Aprendemos a olhar para fora de nós mesmos através do aparto sensorial egóico e enxergar o mundo externo; descobrimos o Eu, e esse foi o trabalho dos Exusiai. Foi só quando pudemos

tomar posse de nosso aparato sensorial, então voltado para o uso dos Anjos, e desenvolver a consciência objetiva racional que pudemos dizer “eu”. Agora, muitas encarnações depois, a evolução cármica nos exige completar essa individuação; já não somos instrumentos dos Anjos, mas devemos também deixar de ser objetos a serviço dos propósitos dos Arcanjos e nos libertarmos de todo o tipo de ligação ao nosso próprio povo. Pois que os Arcanjos são os espíritos que animam o movimento dos povos, somos seus corpos físicos sobre a Terra. Da mesma maneira devemos superar a influência dos Arqueus, os Espíritos da Época, e transcender a níveis de consciência mais altos. Os Arqueus nos inculcaram lentamente a individualidade egóica, para o corpo físico em Saturno, para o corpo etérico no Sol, para o corpo astral na Lua e, finalmente, na Terra, formataram o ego a partir daquela porção mais evoluída do corpo astral. Chegou a hora de progressivamente nos desligarmos de sua influência. Transposta a barreira guardada pelo Pequeno Guardião do Limiar, nos despiremos progressivamente de toda a tutela antes gentilmente oferecida pelos Anjos, Arcanjos e Arqueus e ocuparemos nosso espaço entre as Hierarquias. Quando formos capazes desse salto quântico em nossa evolução teremos alcançado o que Steiner chamou de homem sem pátria.

“É chamado de homem sem pátria aquele que em seu conhecimento, em sua concepção das grandes leis da humanidade, na verdade não é influenciado por tudo aquilo que comumente se eleva do local em que vive de acordo com sua nacionalidade. Um homem sem pátria, é aquele capaz de acolher a grande missão da humanidade inteira, sem a interferência de variações de sentimentos e sensações específicas que brotem deste ou daquele solo natal.”

(“A Missão das Almas dos Povos” – pág. 16)

O caminho da evolução espiritual, o Antahkarana, a senda ofertada pelo Pequeno Guardião é solitária, desértica. Mas nenhum ser humano pode alcançar a redenção sozinho. Quando alcançar sua elevação espiritual é dever cármico do iniciado, do homem sem pátria, oferecer auxílio a todos aqueles outros seres humanos ainda em aventura pelo deserto. Apenas Moisés foi capaz de escalar os dois mil duzentos e oitenta e cinco metros que o conduziram a encontrar Yahweh no topo do Monte Sinai e lá receber os dez mandamentos. Mas, uma vez alcançada sua iniciação, Moisés não trilhou sozinho o restante do caminho pelo deserto, levou consigo um povo inteiro. E essa é a essência de nossa missão cármica na Terra: trilhar o caminho iniciático do

Antahkarana, alcançar a iniciação, e impulsionar a Humanidade pelo mesmo caminho. Porque a Terra é o Cosmo do amor.

Dissemos anteriormente que em Saturno foi criado o Tempo através do sacrifício de vontade dos Tronos aos Querubins. Como expressão material deste fenômeno espiritual manifestou-se no mundo material o calor, o elemento fogo, que deu origem ao corpo físico humano.

No Sol a palavra-chave é a doação oferecida pelos Kyriotetes; originou o Espaço e teve com expressão material no mundo físico o elemento ar de onde nasceu o corpo etérico humano.

Na Lua o evento primordial é a renúncia realizada pelos Querubins ao sacrifício dos Tronos. Esse evento na Lua, na verdade, é a duração de algo que repercute através do Cosmo e assume importância fundamental para a nossa história humana. Desse fenômeno derivou o Lugar. E pela renúncia, recolhida pelos seres que se tornaram luciféricos, é criado o elemento água de onde deriva o corpo astral humano.

E fruto desses eventos cósmicos também são o pensar, o sentir e o querer. O querer se originou em Saturno, o sentir no Sol e o pensar na Lua. E na Terra está a ser tecido o amor.

O caminho iniciático exige para a transposição do limiar a ruptura das relações criadas ao longo da cosmogênese para o pensar, o sentir e o querer. O querer deve se desligar de sua relação como corpo físico forjada no calor do Antigo Saturno. O sentir precisa ter rompida sua ligação ao corpo etérico construída pelo elemento ar no Antigo Sol. E o pensar deve ser destituído de sua vinculação ao corpo astral calcada nas bases da água da Antiga Lua. É porque na Terra tudo o que é anímico é tecido de amor, amor espiritual universal solvido nas qualidades do pensar, sentir e querer. Então, pelo caminho alquímico inverso, quando pudermos operar as desconstruções necessárias e recondensar essas distintas qualidades anímicas da alma, será possível tecer o amor e equilibrar em nosso interior o pensar, o sentir e o querer de uma forma renovada. Essa é a missão do ser humano na Terra, a missão do Eu. Na verdade, podemos dizer, tratar-se da missão dos Espíritos da Forma, dos Exusiai. Ao mostrar aos seres humanos o caminho do Eu, o Antahkarana que conduz do ego aos níveis de consciência mais elevados onde podem ser urdidos os germes de manas, buddhi e atma, onde o pensar, o sentir e o querer podem ser entretecidos através da criação do amor, estão os Exusiai utilizando-nos como instrumentos físicos no intuito de alcançarem seus objetivos cármicos. E assim, temos mais uma vez a prova irrefutável de que todos os seres estão enredados na grande história cármica universal.

“A outra parte do carma das entidades superiores consiste no fato de desenvolvermos um amor que não permaneça apenas no âmbito da humanidade, mas que seja chamado a penetrar nos Cosmo. Seremos capazes de fazer afluir o amor para entidades superiores a nós, e estas irão senti-lo como sacrifício – um sacrifício anímico.”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 199)

Então, teremos finalmente encontrado nosso lugar entre as Hierarquias. E nos acharemos diante de uma figura de sublime beleza e brilho. É o Grande Guardião do Limiar. Após cruzar o limiar do mundo espiritual guardado pelo Pequeno Guardião e percorrer toda a ameaçadora extensão desértica do Antahkarana, postar-nos-emos diante do Grande Guardião e ele nos receberá com palavras verdadeiras.

“Tu te desligaste do mundo sensorial. Conquistaste tua cidadania no mundo espiritual. A partir daqui, poderás doravante atuar. Não mais necessitas de tua corporalidade física na forma atual. Se quisesses meramente adquirir a faculdade de residir neste mundo suprassensorial, não mais terias a necessidade de regressar ao sensorial. (...) Agora, porém, terá de começar para ti um tempo no qual tuas forças libertadas terão de prosseguir trabalhando nesse mundo sensorial. Até agora liberaste apenas a ti mesmo; agora como alguém livre, poderás libertar todos os teus semelhantes no mundo sensorial. (...) Um dia poderás unir-te à minha figura, mas não alcançarás a bem-aventurança enquanto ainda existirem desgraçados! (...) Por isso, barrar-te-ei a entrada às regiões mais elevadas do mundo suprassensorial enquanto não houveres empregado todas as tuas forças adquiridas em prol da redenção dos teus contemporâneos.”

(“O Conhecimento dos Mundos Superiores” – págs. 145 e 146)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Steiner R. A ciência oculta. São Paulo: Antroposófica; 2006

_____ A crônica do Akasha. São Paulo: Antroposófica; 2000

_____ A missão das almas dos povos. São Paulo: Antroposófica; 2014

- _____ As manifestações do carma. São Paulo: Antroposófica; 1999
- _____ As origens do Pai-Nosso. São Paulo: Antroposófica; 2014
- _____ As origens do Pai-Nosso. São Paulo: Antroposófica; 2014
- _____ *Disease, karma and healing*. Forest Row: Rudolf Steiner Press; 2013
- _____ *Evolution in the Aspects of Realities - GA 132*. Rudolf Steiner General Archives.
- _____ O anjo em nosso corpo astral. São Paulo: Antroposófica; 2016
- _____ O conhecimento dos mundos superiores. São Paulo: Antroposófica; 2004
- _____ Teosofia. São Paulo: Antroposófica; 2004
- _____ Pensar, sentir, querer. In: *Conceitos fundamentais para uma psicologia antroposófica*. São Paulo: Associação Brasileira de Psicólogos Antroposóficos e Antroposófica; 2016
- Dostoiévski F. Crime e castigo. São Paulo: Editora 34; 2001
- Dostoiévski F. Notas do subterrâneo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2008
- Guimarães Rosa J. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986
- Inwood B. Os estóicos. São Paulo: Odysseus; 2006
- Jung CG. O livro vermelho. Petrópolis: Vozes; 2014
- Moraes WA. Ocultismo e seus caminhos. São Paulo: Barany; 2017
- Sheldrake R. Ciência sem dogmas. São Paulo: Cultrix; 2014